

Eliane Maria de Jesus
Rosa Amélia Caccia
Bruno Misiak Santana
Nágila Daiane Politowski
(Organizadores)

Inspirações em Educação

Narrativas Inspiradoras em
Porto dos Gaúchos-MT



AYA EDITORA

2026

Inspirações em Educação

Narrativas Inspiradoras em
Porto dos Gaúchos-MT

Eliane Maria de Jesus
Rosa Amélia Caccia
Bruno Misiak Santana
Nágila Daiane Politowski
(Organizadores)

Inspirações em Educação

Narrativas Inspiradoras em
Porto dos Gaúchos-MT



AYA EDITORA

2026

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Organizadores

Eliane Maria de Jesus

Rosa Amélia Caccia

Bruno Misiak Santana

Nágila Daiane Politowski

Revisão

Os Autores

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

ChatGPT Images 2

Capa

AYA Editora©

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.^a Dr.^a Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)
Prof.^a Dr.^a Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.^o Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.^o Dr. Rômulo Damasclín Chaves dos Santos (ITA)
Prof.^a Dr.^a Sílvia Gaia (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.^o Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.^o Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães
Prof.^a Dr.^a Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.^o Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.^o Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.^o Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.^a Dr.^a Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.^o Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.^o Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.^a Dr.^a Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.^a Dr.^a Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.^a Dr.^a Lucimara Glap (FCSA)
Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens (UNIR)
Prof.^a Dr.^a Sílvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tássia Patrícia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues (IFSC)

Copyright do Texto © 2026 dos autores

Copyright da Edição © 2026 AYA Editora (projeto gráfico, diagramação e visual de capa)

I59 Inspirações em educação: narrativas Inspiradoras em Porto dos Gaúchos-MT [recurso eletrônico]. / Eliane Maria de Jesus (organizadora) ...[et al.] -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 63 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6228-037-1

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528

1. Educação. 2. Educação - Crônicas. I. Jesus, Eliane Maria de. II. Caccia, Rosa Amélia. III. Santana, Bruno Misiak. IV. Polifowski, .Nágila Daiane. V. Título.

CDD: 370.7

B869.3

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

AYA Editora©

Fone: +55 42 3086-3131 | WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br | Site: <https://ayaeditora.com.br>

Declaração da Editora

O conteúdo autoral próprio desta obra é disponibilizado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0, que permite seu uso, reprodução, distribuição e adaptação, inclusive para fins comerciais, desde que sejam atribuídos os devidos créditos aos autores, indicada a licença e informadas eventuais alterações.

A licença não se aplica ao projeto gráfico, à diagramação, ao design de capa nem aos materiais de terceiros utilizados na obra, tais como citações, imagens, gráficos, documentos, marcas e outros conteúdos identificados por crédito, referência ou indicação específica. Esses materiais permanecem sujeitos aos respectivos direitos, licenças, autorizações e limitações legais.

A reprodução ou reedição da obra por terceiros deverá utilizar apresentação gráfica própria ou contar com autorização expressa da AYA Editora para uso da edição gráfica.

Os autores são responsáveis pela autoria, originalidade, precisão e licitude de suas contribuições intelectuais, pela correta indicação das fontes e referências, bem como pela obtenção das autorizações necessárias para a utilização de materiais de terceiros.

As análises, interpretações e opiniões apresentadas são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, o posicionamento da AYA Editora, de seu conselho editorial ou das instituições mencionadas.

A atuação da AYA Editora limitou-se aos serviços editoriais e técnicos contratados, incluindo produção editorial, projeto gráfico, diagramação, registro e disponibilização da obra, sem titularidade ou ingerência sobre o conteúdo textual.

As referências a pessoas, instituições, autoridades e fatos históricos possuem finalidade informativa, acadêmica, crítica ou de pesquisa e devem observar a legislação aplicável, inclusive os direitos autorais e os direitos da personalidade.

A AYA Editora não comercializa esta obra nem recebe royalties, comissões ou participação nas receitas decorrentes de sua venda ou distribuição. Os autores e terceiros poderão explorar comercialmente o conteúdo autoral próprio nos limites da Licença CC BY 4.0, sem utilizar a edição gráfica reservada à editora.

SUMÁRIO

Apresentação.....11

01

A Escola Também me Educou.....12

Bruno Misiak Santana

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.1

02

O Sentido de Ensinar e Aprender a Ensinar.....16

Carla Cristina Camargo

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.2

03

Minha Trajetória: Do Caminho Percorrido aos Horizontes que Desejo Alcançar20

Cristiane Aparecida Pacheco Amorim

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.3

04

Da Adversidade à Vocação: Minha Trajetória de Amor e Dedicção à Educação Pública24

Flavia Ferreira Muniz

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.4

05

Inspirações em Educação: Uma História de Perseverança e Amor pelo Ensino27

Josefa Duarte do Nascimento Santana

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.5

06

Uma Vida Dedicada à Alfabetização: Trajetória de uma Professora que Acredita no Poder Transformador da Educação32

Lenir dos Santos do Nascimento

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.6

07

Entre o Rural e o Urbano: Uma Jornada de Desafios e Descobertas na Docência37

Mariluce dos Santos Silva

DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.7

08

Construção da Identidade Docente: Relato de Experiência de uma Professora Alfabetizadora41

09

Ser Professora: Uma Escolha que se Transformou em Propósito.....46

Rachel Vitale Fiorillo Gama
DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.9

10

Narrativa de Uma Vida: Como nos Tornamos Quem Somos49

Eliane Maria de Jesus
DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.10

11

Onde a Educação me Encontrou: Quando a Profissão se Transforma em Paixão54

Nágila Daiane Polítowski
DOI: 10.47573/aya.6228.2.528.11

Organizadores58
Índice Remissivo59

APRESENTAÇÃO

“A educação é feita de pessoas e de histórias que transformam! Por trás de cada aprendizado, há a mão que segura o giz, a caneta que assina o ofício e o abraço que acolhe a criança.”

“Como alguém se torna o que é?” – A célebre provocação de Nietzsche em *Ecce Homo* nos convida a olhar para a nossa própria trajetória. Na jornada da partilha pública, a pergunta se desdobra: O que te torna quem você é na educação? O que te inspira a continuar? É com o propósito de buscar responder a essas inquietações e honrar quem faz a nossa educação acontecer que a Secretaria Municipal de Educação tem o orgulho de apresentar a 2ª edição do E-book *Inspirações em Educação: Narrativas Inspiradoras em Porto dos Gaúchos MT*. Esta obra nasce do desejo genuíno de ouvir e eternizar histórias: relatos de experiências, memórias, vivências de superação e inspirações que marcam a trajetória profissional de nossa rede.

Este Ebook é um compilado que ganha vida por meio da sensibilidade e do empenho de nossos professores, gestores escolares e profissionais da Secretaria de Educação. Cada narrativa, organizada de forma concisa, descreve com clareza vivências, desafios enfrentados no cotidiano da educação pública do município, as soluções inovadoras adotadas diante dos obstáculos, os resultados alcançados e as evidências que comprovam a eficácia das práticas implementadas.

Pautado pela excelência pedagógica, este volume reúne narrativas autorais que unem impacto na aprendizagem, cooperação e rigor textual ao propósito de valorizar os profissionais e estudantes da nossa rede. Essa transformação é comprovada tanto por dados quantitativos com o avanço significativo nas avaliações internas e externas, quanto pelos registros de evidências e narrativas de alunos, professores, gestores, auxiliares de sala e equipe da Secretaria de Educação. São vivências reais que inspiram e renovam nossa trajetória na educação.

Ao darmos voz e visibilidade a essas experiências, nosso objetivo é conectar saberes e inspirar toda a comunidade escolar. Que cada página desta obra coletiva sirva de estímulo para a implementação de práticas pedagógicas ainda mais eficazes, consolidando o nosso maior compromisso: promover uma alfabetização e uma educação de verdadeira qualidade para todos os estudantes.

Convidamos você a fazer parte desta leitura e deixar-se tocar por essas trajetórias. Afinal, sua história pode inspirar muitas outras!

Uma excelente leitura!

Claudineia Munhoz Sanches¹

1 Pedagoga pela UFMT | Mestra em Ciências da Educação, Articuladora Regional de Formação Alfabetiza/RENALFA - DRE Juína; Professora efetiva da Rede Pública de MT. Especialista em Educação Infantil, Séries Iniciais, Autismo e Inclusão Escolar.



A Escola Também me Educou

Bruno Misiak Santana

Licenciado em Letras pela Uninter, graduando em Pedagogia pela UNEMAT, Coordenador Pedagógico, lotado na Escola Municipal Novo Paraná e Escola Municipal Valsir André Ferrarini.

Resumo: Este relato de experiência apresenta a trajetória de um educador que encontrou na escola seu primeiro espaço de pertencimento e, ao longo dos anos, compreendeu a educação como um processo de formação humana. O objetivo é refletir sobre como as experiências vividas como auxiliar de sala, bibliotecário, professor e coordenador pedagógico contribuíram para a construção de uma prática fundamentada no afeto, na escuta e nas relações humanas. Entre os desafios, destaca-se a superação de uma visão centrada apenas na transmissão de conteúdo para compreender a educação como um trabalho coletivo. Como principal aprendizado, conclui-se que educar é construir vínculos, acolher pessoas e reconhecer que todos os sujeitos da comunidade escolar participam da formação uns dos outros.

Palavras-chave: docência; pertencimento; formação humana; afetividade.

INTRODUÇÃO

Há lugares que nos formam antes mesmo de compreendermos o quanto são importantes. Para algumas pessoas, esse lugar é a casa da avó, uma praça da infância ou a rua onde cresceram. Para mim, foi a escola.

Muito antes de pensar em ser professor ou escolher a Pedagogia como profissão, eu já havia escolhido permanecer naquele espaço. Não porque entendesse a grandiosidade da educação, mas porque era ali que eu me sentia pertencente. A escola era o lugar onde eu encontrava segurança, afeto e alegria. Enquanto muitos contavam os dias para as férias, eu esperava ansiosamente pelas festas juninas, pelas gincanas, pelas feiras culturais e pelos pequenos acontecimentos que transformavam o cotidiano escolar em um espaço vivo, cheio de encontros e significados.

Naquele tempo, eu acreditava que era isso que tornava a escola especial. Hoje compreendo que aquelas lembranças não eram apenas memórias felizes da infância, eram as primeiras lições sobre aquilo que a educação realmente é. Antes mesmo de ensinar qualquer conteúdo, a escola acolhe. Ela cria vínculos, desperta pertencimento, aproxima pessoas e constrói histórias que permanecem conosco muito depois do último sinal.

Quando iniciei minha formação em Pedagogia, imaginei que aprenderia a ensinar. Aos poucos, porém, descobri que a educação não se resume ao ensino. As experiências vividas como auxiliar de sala, bibliotecário, professor e, posteriormente, coordenador pedagógico mostraram-me que o conhecimento é apenas uma parte de algo muito maior. A essência da escola está nas relações humanas que ela possibilita, na escuta, no cuidado, nas oportunidades que cria e na capacidade de transformar não apenas os estudantes, mas também aqueles que dedicam a vida a educar.

Este relato nasce dessa compreensão. Não é apenas a história da minha trajetória profissional, mas a história de alguém que encontrou na escola o seu primeiro lugar de pertencimento e que, ao longo dos anos, descobriu que educar é, antes de tudo, construir relações que transformam vidas.

DESENVOLVIMENTO

Ao longo da minha caminhada, compreendi que cada lugar ocupado dentro da escola ampliou minha forma de compreender a educação. Hoje percebo que nenhuma dessas experiências foi maior ou menor que a outra. Cada uma delas revelou uma dimensão diferente do ato de educar e, juntas, construíram o profissional que me tornei.

Como auxiliar de sala, aprendi que a educação nunca acontece de forma solitária. Durante muito tempo, acreditamos que o professor é o único responsável pela aprendizagem, mas a realidade da escola me mostrou algo muito maior. Acompanhar de perto o cotidiano das crianças, especialmente aquelas que necessitavam de um olhar mais atento, fez com que eu compreendesse o valor da inclusão, da escuta, da paciência e dos pequenos gestos. Muitas vezes, um acolhimento, uma palavra de incentivo ou um simples olhar atento transformava completamente o dia de uma criança. Foi ali que descobri que educar também é cuidar, e que nenhuma aprendizagem acontece quando o estudante não se sente pertencente.

Na biblioteca, descobri outra escola. Aprendi que os livros são apenas o ponto de partida. A literatura, a arte, a imaginação e a estética possuem uma força transformadora impossível de mensurar. Aquele espaço deixou de ser apenas um lugar de empréstimos e tornou-se um ambiente de descobertas, conversas, criatividade e encontros. Foi ali que compreendi que a aprendizagem não está presa às paredes da sala de aula. Cada ambiente escolar educa. Cada espaço comunica valores, desperta curiosidades e cria possibilidades de aprendizagem quando existe intencionalidade em quem o conduz.

Quando assumi a sala de aula como professor, todas essas aprendizagens passaram a fazer ainda mais sentido. Pela primeira vez, experimentei o desafio de conduzir uma turma sabendo que, diariamente, dezenas de decisões dependeriam de mim. Planejar conteúdos, organizar atividades e acompanhar a aprendizagem eram responsabilidades importantes, mas rapidamente percebi que ensinar era muito mais do que isso. Antes de qualquer conteúdo, havia pessoas.

Crianças que chegavam carregando histórias, medos, sonhos e expectativas. Com elas, aprendi que a docência também é construída nas conversas, nas risadas, nos conflitos, nos abraços e nas experiências compartilhadas. Ensinar deixou de significar apenas transmitir conhecimentos, passou a significar caminhar ao lado, crescer junto e compreender que, enquanto ensinamos, também somos profundamente transformados.

A coordenação pedagógica ampliou ainda mais esse olhar. Passei a compreender que a aprendizagem dos estudantes depende diretamente das relações que sustentam a escola. Por trás de cada criança existe um professor que também precisa ser acolhido, ouvido e valorizado. Existem uma equipe que necessita caminhar na mesma direção, famílias que precisam ser aproximadas da escola e profissionais que, diariamente, também enfrentam desafios pessoais e profissionais. Foi nesse lugar que compreendi que uma gestão pedagógica verdadeiramente significativa não pode ser construída apenas por indicadores, resultados ou documentos. Ela precisa, acima de tudo, ser humanizada. Cuidar da aprendizagem também significa cuidar das pessoas que tornam essa aprendizagem possível.

Hoje compreendo que nenhuma dessas experiências aconteceu por acaso. Cada espaço por onde passei me ensinou uma parte daquilo que hoje acredito sobre a educação. Se existe uma convicção que essa trajetória me deixou, é a de que a escola não é feita apenas de conteúdos, metodologias ou avaliações. A escola é feita de pessoas. São elas que dão sentido aos projetos, às aprendizagens, aos desafios e às conquistas. Por isso, acredito que o afeto, a escuta, o respeito e o cuidado não são complementos do processo educativo; são o próprio alicerce sobre o qual toda educação verdadeiramente significativa é construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para minha trajetória, percebo que a educação me transformou muito antes de eu imaginar que poderia transformar a vida de alguém. Cada espaço que ocupei dentro da escola deixou marcas na minha forma de compreender o mundo e de me relacionar com as pessoas. Mais do que aprender a ensinar, aprendi a ouvir, acolher, respeitar os diferentes tempos de aprendizagem e reconhecer que toda prática educativa começa pelo encontro entre seres humanos.

Hoje enxergo a docência como um compromisso que ultrapassa os conteúdos curriculares e os resultados das avaliações. Ensinar é criar possibilidades para que cada estudante se reconheça como sujeito de sua própria história. Da mesma forma, coordenar, planejar ou acompanhar o trabalho pedagógico também significa cuidar das pessoas que tornam a escola viva todos os dias. Não acredito em uma educação construída apenas por metodologias ou documentos, acredito em uma educação construída por relações, pelo diálogo, pelo afeto e pelo compromisso coletivo com a formação humana.

Se minha trajetória pode inspirar alguém, espero que seja por mostrar que a escola vai muito além dos muros que a cercam. Ela é um espaço onde vidas se encontram, histórias se cruzam e pessoas se transformam mutuamente. Foi esse sentimento de pertencimento que despertou em mim o desejo de permanecer na educação e é ele que continua orientando minhas escolhas.

Sigo acreditando que educar é um exercício permanente de esperança. Não porque esperamos um futuro ideal, mas porque, todos os dias, escolhemos acreditar

no potencial das pessoas, mesmo diante dos desafios. É essa convicção que desejo levar para cada escola por onde passar: a de que o conhecimento ganha verdadeiro sentido quando é acompanhado de escuta, respeito, sensibilidade e humanidade. Afinal, mais do que formar estudantes, a educação tem o poder de formar pessoas, e foi exatamente isso que ela fez comigo.



O Sentido de Ensinar e Aprender a Ensinar

Carla Cristina Camargo

Licenciada em Pedagogia pela UFMT, Professora efetiva, lotada na Escola Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: O presente texto aborda o relato de algumas experiências vivenciadas no magistério que se iniciou com o ensino multisseriado nas comunidades do campo, com destaque para os pontos mais relevantes dessa trajetória de alfabetização e letramento vivenciados ao longo dos anos. Tais experiências proporcionaram sentido de ser profissional docente e fizeram a diferença na qualidade do ensino e da aprendizagem.

Palavras-chave: experiência; alfabetização; letramento; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Em alguns momentos da vida, posso dizer que o fluxo corre conforme a atenção que a vida nos oferece, basta aproveitar e acreditar. Nascida na cidade de Curitiba/PR, filha de mãe solo, éramos três irmãos. Aprendi desde cedo a cuidar e a estar atenta à necessidade de outros. Vim para o Mato Grosso no ano de 1986, aos 14 anos, residindo na Comunidade do Rio Engano, um período de adaptação e aprendizagem, de confronto com novas realidades. Tempo feliz.

Assim que cheguei a Mato Grosso, minha tia Lurdes trabalhava numa pequena escola do interior. Nesse período, passei a ajudá-la na escola como auxiliar. Sempre olhava seu caderno (plano de aula) com letras bem definidas e muitos lembretes e ilustrações do que iria realizar em sala. Minha história na educação começou nesse período, foi nele que descobri meu dom. Ali, pude experimentar a magia de ser educadora.

ENSINAR E APRENDER

Acredito que a educação se apoderou de mim, pois sempre gostei de estudar e dividir aquilo que sabia. Ser professora foi algo muito importante na minha história de vida que iniciou em uma escola simples e acolhedora, feita de madeira do telhado ao piso. Minha tia me colocou numa turma de 2ª série com 3 alunos para ajudá-la, para ser a professora coadjuvante. Era bem divertido. Gostava de ensinar cantigas, praticar atividades físicas, fazer a leitura dos alunos e ensiná-los por meio das histórias. Nesta turma fiquei por um ano.

No início de 1993, fui chamada pela secretária de educação, senhora Efigênia Zavistoski, para trabalhar na escola do interior. Então, estava eu na Escola Municipal Princesa Isabel como professora regente em uma turma multisseriada, dividindo a sala com esta mesma tia. Nesse período, tinha pouca experiência didática, ensinava como tinha aprendido, passava várias atividades no caderno, fazia grupos para socializar histórias e dramatizar as fábulas.

Na vivência direta da área rural, compreendi os valores do agricultor e pecuarista, suas dificuldades na venda dos produtos, o trabalho árduo que a roça exige, o cuidado que é preciso ter com os animais, a atenção com o lugar (arrumações de cerca, pasto, época de plantio e colheita), entre outros trabalhos que somente quem mora na roça sabe compreender.

Com olhar mais apurado e participando dos cursos do magistério, seguia trabalhando a demanda das leituras e dificuldades de escrita. Lembro-me de trabalhar muito a leitura lendo para eles em pequenos trechos.

A cada ano que passava, ia adquirindo experiências e amadurecendo na minha forma de ensinar e desenvolvia projetos com temas com os quais eles tinham experiências. Na época chegava à escola a coleção Ciranda de livros. Era um acervo de bons livros com temas diversificados como “Cazuza”, “O menino maluquinho” ou “isto ou aquilo”, entre outros. Esses livros eram muito especiais para crianças, pois elas podiam vivenciar a imaginação da infância no pátio da escola, que se tornava o espaço de leitura e cenário.

Assim que me efetivei no município, fui convidada a alfabetizar na Escola Municipal Gustavo Adolfo Wilke, pelo então coordenador da secretaria de educação, o senhor Igor Gladki Petrenko. Um novo desafio estava para completar minha carreira docente, numa escola na cidade e com uma turma só. Nesta escola permaneci por um ano, período em que alfabetizei com o método construtivista, uma abordagem em que os alunos aprendiam e desconstruíam tudo o que era linear. Ensina os alunos inicialmente a escrita com letra bastão, escolhia um tema gerador e naquele tema caminhava junto com as crianças construindo palavras, frases e textos. Em poucos meses a maioria dos alunos já conseguia ler. Trabalhei com diferentes gêneros textuais, envolvendo cantigas de roda, parlendas e nomes. Foi uma experiência desafiadora.

No ano posterior, voltei para o interior e trabalhei por 4 anos na Escola Municipal Novo Paraná. Minha prática pedagógica nesta instituição foi em turma de alfabetização e demais séries iniciais, seguindo a metodologia do Programa Escola Ativa, a qual trazia diversos materiais e conteúdos para engajar a criança do campo no desenvolvimento do seu aprendizado. Era uma escola centralizada que atendia os alunos que moravam no interior, e a maioria usava o transporte escolar. As viagens eram longas, fazendo com que alguns alunos permanecessem por mais de três horas no ônibus. Eu, nesse período, voltei a morar no interior e fazia esse percurso com parte dos estudantes. Como o trajeto casa/escola era longo, aproveitei para tomar a leitura dos alunos dentro do ônibus e auxiliá-los, o que, na época, surtiu muito efeito positivo nos alfabetizando, que alcançaram ótimo desenvolvimento na leitura.

Em 2003, decidi voltar para a cidade, retornando à Escola Municipal Gustavo Adolfo Wilke, novamente assumi uma sala de alfabetização. Terminando minha faculdade e com um pouco mais de experiência, implementei tudo o que aprendi e experimentei, comecei a ver os detalhes e a força que era ser professora, também ao lidar com os aspectos cognitivos que envolvem a infância. Lembro-me de chegar ao portão e ver aquele monte de crianças sorrindo e correndo ao meu encontro,

contando seus pequenos relatos diários. Isso me fazia feliz: estava no lugar certo. Lecionei por vários anos na alfabetização e em turmas de terceiro ano.

Por um tempo lecionei no EJA (Educação de Jovens e Adultos) e em turmas finais do Ensino Fundamental. O modo de linguagem e a forma de apresentar as aulas exigiam propostas diferentes. Lembro de um grupo do EJA com 15 pessoas, a maioria eram senhoras que gostavam muito de aprender. Preparava atividades de ortografia, interpretação e desafios matemáticos para despertar a compreensão da linguagem matemática e da produção escrita. Seus relatos e suas conversações em sala eram repletos de experiências de vida. Era prazeroso ensinar.

Entre 2009 e 2012, exerci o cargo de coordenadora, minhas experiências e conhecimentos foram sendo distribuídos e aplicados para meus colegas docentes. Nesse cargo aprendi a me organizar, observar os diferentes resultados pedagógicos e criar estratégias para trazer o professor para perto da gestão. Após dois mandatos na coordenação, assumi a direção e pude integrar no contexto administrativo algumas demandas de organização escolar que a comunidade escolar exigia naquele período. Terminado meu mandato na gestão, em 2016, fui trabalhar com uma turma de 5º ano constituída de 17 meninos, 5 meninas e muitos desafios.

Com olhar mais abrangente (devido ao tempo de serviço), busquei melhores formas de trabalhar projetos em sala e extraclasse. Lembro-me de ter desenvolvido vários projetos; um deles foi sobre cidadania. Visitamos diferentes órgãos públicos, como a prefeitura, o fórum e a Câmara Municipal. A forma como os alunos foram experimentando realidades diferentes em sala e fora dela indicava pontos positivos em seu desempenho escolar. Assim, trabalhei por quase dez anos nas turmas de 5º ano. Compreendi que a postura do professor, a autoridade em sala e a reflexão sobre as técnicas de ensino contribuem para que o aluno aprenda de fato.

Atualmente trabalho com uma turma de 4º ano com alunos fluentes desde o ano passado. Nesta turma tenho aplicado meus conhecimentos para instigá-la a aprender cada vez mais e desenvolver as habilidades que marcam esta fase da aprendizagem. Entre novos materiais, plataformas digitais e conhecimentos constantes, vivencio cada aprendizado como uma dívida para o que busco ensinar e aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura como professor, a autoridade em sala e o compromisso de fazer com que o aluno aprenda foram meus maiores aliados ao longo desses anos. Os estudos, as capacitações do magistério ao longo dessa trajetória também foram suporte para meu aperfeiçoamento como docente. Entendo que, se o educador se compromete com a educação e busca alternativas para o desafio que cada aluno apresenta, ele torna-se um agente transformador e tudo o que fizer com dedicação terá o resultado positivo que espera. Penso que numa era digital, é importante se aliar, diagnosticar e compreender o que é preciso para mais avanços na educação. Desafios sei que sempre terei, mas preciso continuar crendo que todo esforço traz seu resultado, seja ele grande ou pequeno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Acompanhamento e Formação Continuada para o ensino multisseriado no processo de alfabetização – Praema**. Brasília, DF: MEC, 2023.



Minha Trajetória: Do Caminho Percorrido aos Horizontes que Desejo Alcançar

Cristiane Aparecida Pacheco Amorim

Licenciada em Pedagogia pela Unemat – Universidade do Estado de Mato Grosso, Especialista em Educação Especial pela Faculdade Prominas, professora efetiva, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: Minha trajetória é marcada pelo compromisso com a educação, pela busca constante de aprendizagem e pelo desejo de contribuir para a formação de professores. Compartilhar minha história é reconhecer os desafios superados, valorizar as experiências vividas e refletir sobre os caminhos que moldaram minha prática profissional. Como formadora, compreendo que cada desafio representa uma oportunidade de crescimento e inovação. Com esse olhar, sigo fortalecendo meu propósito de inspirar educadores, promover uma formação de qualidade e contribuir para uma educação cada vez mais transformadora.

Palavras-chave: prática profissional; aprendizagem; inovação; formadora.

INTRODUÇÃO

Contar a minha história é uma forma de reconhecer o caminho que percorri, as experiências que vivi e os aprendizados que construí ao longo de minha trajetória. Cada desafio enfrentado, cada conquista alcançada e cada oportunidade de crescimento contribuíram para formar a profissional e a pessoa que sou hoje.

Ao compartilhar minha experiência, também posso inspirar outras pessoas, mostrando que cada trajetória é única e repleta de ensinamentos. Além disso, revisitar minha própria jornada permite refletir sobre minha evolução, identificar conquistas importantes e compreender como cada etapa contribuiu para meu desenvolvimento.

Acredito que ao contar minha história estou dando significado às minhas vivências, valorizando minha identidade, minhas escolhas e o impacto que elas tiveram em minha vida pessoal e profissional. É uma oportunidade de transformar experiências em reconhecimento, fortalecendo minha prática e incentivando outras pessoas a acreditarem em seu próprio potencial.

Ao olhar para o futuro, levo comigo a certeza de que ainda há muitos caminhos a percorrer, novos conhecimentos a construir e desafios a superar. Meu propósito é continuar aprendendo, aperfeiçoando minha prática e contribuindo de forma significativa para a educação, promovendo experiências que façam a diferença na vida dos estudantes e da comunidade escolar. Espero seguir inspirando pessoas, compartilhando saberes e construindo uma trajetória marcada pelo compromisso, pela inovação e pela busca constante por uma educação cada vez mais humana, inclusiva e transformadora.

MINHA JORNADA: ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS

Minha trajetória acadêmica e profissional na educação começou de forma inesperada. Cursar pedagogia, inicialmente, não estava nos meus planos. No entanto, eu sabia que precisava continuar estudando, ficar só com o ensino médio não era o suficiente e, naquele momento, o único curso superior gratuito disponível era justamente o de Pedagogia, oferecido na cidade vizinha. Assim, em agosto de 2008, decidi iniciar essa jornada na Unemat, campus universitário de Juara.

Durante os anos de estudos, enfrentei uma rotina bastante desafiadora. Todos os dias eu pegava o ônibus às 18 horas para ir até a faculdade e chegava em casa por volta da meia-noite. Apesar do cansaço, mantive o compromisso com os estudos, pois entendia a importância da formação acadêmica para o meu futuro.

Ao concluir o curso, tive a oportunidade de assumir aulas na escola estadual do meu município e, no ano seguinte, fui aprovada no concurso público municipal. Durante os quatro anos da faculdade, minha intenção era, após a conclusão, iniciar outra graduação, pois não me imaginava atuando na área da educação. Entretanto, com a aprovação no concurso, meus planos começaram a mudar.

Iniciei minha carreira em uma escola do campo, trabalhando com turmas multisseriadas. Essa experiência trouxe muitos desafios, mas também ampliou profundamente minha compreensão sobre o que é educação. Até então, eu não conhecia a realidade de uma escola do campo. Permaneci nesta instituição por seis anos, atuando com turmas do primeiro ao nono ano do ensino fundamental.

Em 2020, fui transferida para outra escola do campo, menor, onde funcionava apenas a Educação Infantil. Ali começou um novo desafio: trabalhar com crianças de 4 e 5 anos, uma faixa etária com a qual eu havia tido contato apenas durante os estágios da faculdade. Ao atuar com essas crianças, percebi algo diferente das experiências anteriores.

Com elas aprendi que ensinar, cuidar e educar são processos inseparáveis e precisam caminhar juntos para que o desenvolvimento infantil aconteça de forma plena. Também compreendi que a Educação Infantil vai muito além do que muitas pessoas imaginam. Não se trata apenas de brincar ou pintar. É nesse espaço que as crianças começam a construir sua autonomia, desenvolver sua autenticidade e descobrir conhecimentos fundamentais.

Em 2023, tive a oportunidade de participar como aluna especial em uma disciplina de mestrado em Cuiabá (UFMT), durante um semestre. Essa experiência foi extremamente significativa para minha trajetória, pois me permitiu ampliar meu olhar sobre a pesquisa e sobre os desafios da educação atual. Participar desse espaço acadêmico reforçou em mim a compreensão de que o processo de formação docente é contínuo e que, para oferecer uma educação de qualidade, é fundamental buscar constantemente novos conhecimentos e reflexões sobre a prática pedagógica.

Ser professor é muito mais do que ensinar conteúdo. É construir relações, compartilhar conhecimentos e aprender constantemente com as pessoas que fazem

parte dessa caminhada. Acredito que ensinar é um processo de troca, no qual todos têm algo a oferecer e a aprender.

Atualmente, realizo formações voltadas para professores que trabalham com as etapas da Educação Infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Atuar como formadora tem sido uma das experiências mais significativas e desafiadoras da minha trajetória profissional. Esse papel vai além da transmissão de conhecimentos: envolve escuta, diálogo, reflexão e construção coletiva de saberes. Quando atuo como formadora de professores, não me coloco como alguém que sabe tudo, mas como uma professora que também vive os desafios da sala de aula, conhece as dificuldades da prática e acredita na força da colaboração. Essa postura torna a formação mais acolhedora, significativa e próxima da realidade de quem está participando.

Acredito que uma das maiores riquezas de uma formação é justamente ser conduzida por alguém que conhece a rotina escolar. Um professor que forma outros professores consegue dialogar com a prática, compreender as necessidades reais da escola e compartilhar estratégias que fazem sentido no cotidiano. Essa troca fortalece a confiança, incentiva a reflexão e valoriza a experiência de cada educador. Também reconheço o quanto as formações foram e continuam sendo essenciais para a minha própria trajetória. Cada curso, cada encontro e cada oportunidade de aprender com outros profissionais ampliaram meu olhar, fortaleceram minha prática e contribuíram para que eu me tornasse uma professora mais preparada e segura. Por isso, acredito que a formação continuada é um caminho indispensável para o crescimento profissional e para a melhoria do ensino.

Ser professor é aceitar que estamos sempre em construção. É compreender que aprender faz parte da nossa profissão e que, quando compartilhamos conhecimentos e experiências, crescemos juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir essa trajetória é reconhecer que cada experiência vivida, cada desafio superado e cada aprendizado adquirido contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Olhar para minha história fortalece a certeza de que o crescimento acontece de forma contínua, por meio das escolhas que fazemos e da disposição para aprender e evoluir.

Como inspira a mensagem do livro *O Poder do Hábito*, “Cada pequeno progresso fortalece a confiança para o próximo passo”. Da mesma forma, “Nossas escolhas repetidas diariamente constroem nosso futuro”. Essas reflexões reforçam minha convicção de que a transformação acontece gradualmente, por meio da persistência, da dedicação e dos hábitos que cultivamos ao longo da vida.

Assim, compartilho minha jornada com a esperança de que minha história inspire outras pessoas a acreditarem em seu potencial, valorizarem sua trajetória e compreenderem que cada passo, por menor que pareça, pode abrir caminhos para grandes conquistas.

REFERÊNCIAS

DUHIGG, Charles. **O Poder do Hábito: por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.



Da Adversidade à Vocação: Minha Trajetória de Amor e Dedicção à Educação Pública

Flavia Ferreira Muniz

Graduada em Pedagogia (FAFIBE) e Letras (UNINTER), com Especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais (FACINTER), Gestão Escolar (UFMT), Libras e Educação Inclusiva (IFMT). Professora efetiva lotada na Creche Municipal Pequeno Príncipe em Porto dos Gaúchos – MT

Resumo: Este relato de experiência explora a trajetória pessoal e profissional de uma educadora, desde os desafios iniciais para cursar a faculdade de Pedagogia até a consolidação de sua carreira na rede municipal de Porto dos Gaúchos – MT. Aborda as dificuldades financeiras superadas com a venda de sanduíches, a mudança radical de estado em busca de colocação profissional, a superação de um grave acidente automobilístico e a ascensão na carreira como professora, coordenadora, Secretária Municipal de Educação e, atualmente, diretora escolar. O objetivo é demonstrar como os desafios moldaram uma identidade profissional sólida, convertendo o que seria um “plano B” em uma verdadeira vocação voltada para a transformação de vidas por meio do ensino público de qualidade.

Palavras-chave: pedagogia; trajetória profissional; gestão escolar; Porto dos Gaúchos.

INTRODUÇÃO

Contar esta história não é apenas resgatar memórias do passado, mas sim validar uma justificativa de vida pautada na resiliência e no compromisso com o próximo. A motivação para compartilhar este percurso reside na certeza de que os maiores obstáculos que enfrentamos costumam ser os preparativos para as nossas maiores missões. Olhar para trás e perceber os desafios superados serve como um combustível para o presente e uma inspiração para o futuro, demonstrando a docentes e futuros profissionais que a educação pública é um espaço de profunda transformação e dignidade. Espero que este relato fortaleça o sentimento de pertença e a paixão pela docência em cada leitor.

DESENVOLVIMENTO: MINHA TRAJETÓRIA

Aos 18 anos, os sonhos costumam ser grandes, mas a realidade, às vezes, impõe caminhos diferentes. Meu desejo inicial era ser fisioterapeuta. No entanto, a vida já havia me dado grandes responsabilidades: eu era casada, mãe e não tinha condições financeiras. Para completar, a minha cidade não oferecia o curso de fisioterapia nem universidades públicas. Diante das circunstâncias, precisei recalcular a rota e optei por cursar Pedagogia na única instituição particular do município: a Fafibe (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança).

Ali começava uma verdadeira jornada de sobrevivência e determinação. Vivenciei momentos de extrema provação. Sem dinheiro para as mensalidades e sem qualquer meio de transporte, meu marido e eu criamos uma estratégia. Produzíamos sanduíches naturais em casa para vender no intervalo das aulas.

Todos os dias, caminhávamos cerca de 5 quilômetros até a faculdade, eu carregando duas caixas de isopor cheias de sanduíches e ele carregando outras duas caixas com refrigerantes.

Nem sempre a conta fechava. Houve meses em que as vendas não eram suficientes e precisávamos vender algo de dentro da nossa própria casa para conseguir quitar a mensalidade. No segundo ano da faculdade, engravidei do meu segundo filho. As coisas ficaram ainda mais difíceis, pois o peso das caixas e a longa caminhada começaram a cobrar o seu preço. Foi então que Deus nos abençoou através de um colega de faculdade. Ao nos ver naquela caminhada diária, já no meu sexto mês de gestação, ele se dispôs a nos levar e trazer de carro todos os dias. Aquele gesto foi um alento imenso. Pouco tempo depois, consegui o financiamento das parcelas pelo Fies, o que nos deu o fôlego necessário para concluir a graduação.

Me formei jovem, com apenas 21 anos, sob o estigma do desafio do primeiro emprego. Logo me deparei com as barreiras do mercado de trabalho. As vagas exigiam anos de experiência e o critério de desempate nos processos seletivos era sempre a idade mais avançada. Eu não conseguia emprego. Foi no final de 2004 que surgiu uma reviravolta: um tio que morava no interior do Mato Grosso me avisou sobre a abertura de uma escolinha particular que precisava urgentemente de professores. Eu tinha fome de trabalhar, de ter meu sustento e de dar uma vida digna aos meus filhos. Não pensei duas vezes. Meu esposo, de início, achou que era loucura, mas ao ver minha determinação, abraçou a ideia. Arrumamos as malas e partimos rumo ao desconhecido.

No trajeto, enfrentamos “O Teste da Resistência”: em Jaciara (MT), sofremos um grave acidente automobilístico. Uma carreta tentou ultrapassar outra e colidiu de frente com o nosso carro. O medo e o susto foram tão grandes que a vontade de desistir bateu forte. Mas o desejo de vencer era maior. Engolimos o medo e seguimos em frente.

O verdadeiro “Encontro com o Propósito” se deu quando chegamos ao nosso destino no dia 5 de janeiro de 2005. Eu comecei a lecionar na escolinha particular e meu marido assumiu aulas em duas escolas estaduais, trabalhando em três turnos. O início naquele novo estado testou nossos limites financeiros. Naquela época, o Estado só pagava o primeiro salário no mês de maio. Passamos meses desestabilizados, contando com a generosidade dos mercados locais que nos vendiam a fiado até que o dinheiro caísse na conta.

Mas foi exatamente naquele ano de provas que descobri a maior paixão da minha vida. A fisioterapia ficou no passado; eu me identifiquei profundamente com a docência. Eu amo dar aulas, amo estar com as crianças. A Pedagogia não era apenas o plano B que a vida me impôs, era a minha verdadeira vocação. A colheita de tanto esforço não demorou a chegar. Ainda em 2005, prestei o concurso público municipal e fui aprovada em segundo lugar. A felicidade foi indescritível.

Em 2006, assumi minha vaga na Creche Municipal Pequeno Príncipe, iniciando minha trajetória com os pequeninos, com os quais me envolvia e aos quais me doava por completo. Em 2011, fui chamada para trabalhar na coordenação

pedagógica da Secretaria de Educação. Minha barriga gelou, mas aceitei o desafio. Trabalhei por 3 anos atendendo às escolas do campo, quando recebi o convite para assumir a pasta da Secretaria Municipal de Educação. Foi uma mistura de medo e emoção. Mais uma vez, assumi o desafio: consegui formar uma ótima equipe e fazer a diferença na educação do meu município.

Permaneci à frente da pasta por 5 anos, até que descobri um problema de saúde e optei por deixar o cargo. Como a gestão gostava muito do trabalho que eu realizava, pedi para que eu retornasse para a coordenação da Educação Infantil da secretaria, onde permaneci até 2024. Foi quando me candidatei à direção da Creche Municipal Pequeno Príncipe — o mesmo lugar onde tudo começou —, onde estou desempenhando a função de diretora até o presente momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fui muito agraciada por poder enxergar a educação por diferentes ângulos. Na minha visão como professora em sala de aula, aprendi quanto amor podemos dedicar aos alunos, além de quantas angústias e aprendizados carregamos a cada conquista e frustração dos pequenos. Como coordenadora pedagógica, tive a oportunidade de ver de perto a angústia dos professores ao enfrentar os desafios diários da sala de aula; ali, pude contribuir com as minhas vivências e, ao mesmo tempo, aprender muito com as diferentes experiências dos docentes de cada escola que eu atendia. Já como Secretária de Educação, consegui enxergar o tamanho do desafio que é suprir todas as demandas da rede, sejam elas estruturais, formativas ou sociais.

Hoje, me sinto completamente realizada com a minha profissão. Ter tido a oportunidade de aprender e contribuir com a educação sob tantos olhares e perspectivas me amadureceu profundamente como profissional. A Educação é a minha vida e a docência continua inspirando meu compromisso de transformar a realidade através do afeto, do acolhimento e da gestão humanizada.



Inspirações em Educação: Uma História de Perseverança e Amor pelo Ensino

Josefa Duarte do Nascimento Santana

Licenciada em Letras com complementação em Pedagogia, Especialização em Língua Portuguesa e Literatura e em Educação Especial, Inclusiva e Neuropsicopedagogia. Professora interina, lotada na Escola Municipal Paulo de Almeida Costa.

Resumo: A educação sempre foi a força que impulsionou meus sonhos e transformou minha vida. Desde cedo, enfrentei desafios que pareciam impossíveis de superar, mas nunca deixei de acreditar no meu objetivo de ser professora. Ao longo da caminhada, vivi momentos de dificuldade, fiz renúncias e enfrentei obstáculos financeiros e pessoais. Mesmo diante das adversidades, mantive a persistência e a determinação. Cada conquista representou um passo importante em direção ao meu sonho. A vontade de ensinar e contribuir para a formação de outras pessoas fortaleceu minha trajetória. Com esforço, dedicação e coragem, consegui avançar em meus estudos. A insistência em não desistir foi essencial para superar cada barreira. Hoje, a realização desse sonho representa a vitória de uma trajetória marcada pela superação. Minha história prova que a educação transforma vidas e torna possíveis os maiores sonhos.

Palavras-chave: família; escola; sonhos; obstáculos; educação.

INTRODUÇÃO

A educação transforma vidas, constrói sonhos e abre caminhos que muitas vezes pareciam impossíveis. Minha trajetória é marcada por desafios, superações, renúncias e, acima de tudo, pela persistência em nunca desistir do meu maior sonho: ser professora.

Iniciei meus estudos aos sete anos de idade em uma pequena escola do campo chamada Escola Emílio Tiemann. Naquele tempo não existia pré-escola como conhecemos hoje; entrávamos diretamente no primeiro ano. Minha primeira professora, a estimada Genoveva Rodrigues Mussolim, foi uma das maiores inspirações da minha vida. Ela ensinava todas as turmas em uma única sala multisseriada, do primeiro ano até a antiga quinta série.

A escola ficava cercada por enormes cafezais, e eu morava no sítio do meu saudoso e eterno avô Raimundo Domingos Duarte. Todos os dias, ainda bem cedo, eu saía caminhando aproximadamente dois quilômetros junto com meu irmão, Valdir Duarte do Nascimento, e outras crianças da comunidade. Apesar das dificuldades, estudar era motivo de alegria. Havia em mim uma vontade enorme de aprender.

Na escola não havia muitos recursos. Não existiam bibliotecas equipadas, computadores ou internet. Mesmo assim, eu me encantava com a cartilha Caminho Suave e com os gibis da Turma da Mônica que minha professora levava para a sala de aula. Aqueles momentos despertavam ainda mais meu amor pela leitura e pelo conhecimento. A sala multisseriada exigia disciplina e respeito.

Concluir as séries iniciais foi uma grande conquista. Depois disso, passei a estudar na Escola Estadual Dácia Figueiredo Fortes, localizada no distrito de

Santa Felicidade. O caminho até a escola era ainda mais difícil. Caminhávamos mais de cinco quilômetros diariamente, atravessando rios e passando por estradas cercadas por animais. Mesmo assim, nunca pensei em desistir. Pelo contrário, cada dificuldade fortalecia ainda mais minha vontade de estudar.

No ano de 1984, minha vida mudou completamente. Minha família decidiu mudar para o estado de Mato Grosso, vindo morar na comunidade Gleba São João, no município de Porto dos Gaúchos. A mudança trouxe esperança de melhores condições de vida, mas também trouxe tristeza, porque naquele momento precisei interromper meus estudos. Na nova comunidade, a antiga quinta série era oferecida apenas no período noturno. Eu morava distante da escola, e o trajeto era perigoso, passando por mata fechada e estradas escuras. Meus pais, preocupados com minha segurança, decidiram que eu não poderia estudar naquele momento.

Foi uma das maiores tristezas da minha juventude. Eu via meus sonhos se afastando e sentia medo de nunca conseguir realizar meu desejo de ser professora. Mesmo assim, dentro de mim permanecia viva a esperança de voltar à escola algum dia.

CONTINUAÇÃO DA MINHA TRAJETÓRIA

Em 1989 surgiu uma nova oportunidade. A Escola Estadual Renato Spinelli passou a oferecer aulas no período matutino, e finalmente pude retornar aos estudos. Mais uma vez caminhava dez quilômetros de ida e volta. No entanto, neste mesmo ano, novamente precisei interromper minha jornada escolar quando meu pai decidiu mudar-se para São Paulo em busca de melhores oportunidades para sustentar nossa família. Ao chegar lá, comecei a trabalhar durante o dia inteiro e só chegava em casa tarde da noite. Mais uma vez tive que deixar os estudos de lado.

Em 1994, minha família retornou para Mato Grosso e consegui retomar meus estudos novamente. Já casada, continuei frequentando a escola e concluindo minha formação. Meu marido, Claudiney da Silva Santana, que também é professor, tornou-se um grande incentivador da minha caminhada. Ele sempre acreditou na minha capacidade e nunca deixou que desistisse dos meus sonhos.

Concluir o Ensino Médio no ano 2000 foi uma vitória enorme. Para muitas pessoas poderia parecer apenas mais uma etapa escolar, mas para mim significava vencer anos de dificuldades, interrupções e desafios. Naquele momento eu tinha ainda mais certeza de que queria dedicar minha vida à educação. Minha trajetória profissional começou na biblioteca da Escola Estadual Renato Spinelli, onde trabalhei a partir de 2002. Mesmo não estando ainda em sala de aula, eu já me sentia realizada por estar dentro do ambiente escolar. Conviver diariamente com alunos, professores e livros fortalecia ainda mais meu desejo de ensinar. Em 2004 surgiu uma oportunidade que mudou minha vida: prestar vestibular para o curso de Letras na cidade de Nova Mutum. Quando fui aprovada, senti que finalmente estava começando a realizar meu grande sonho.

Ingressei na antiga Faculdade UNINOVA, atualmente Universidade do Estado de Mato Grosso. Não foi fácil. O meu salário era baixo, as dificuldades financeiras eram grandes e precisávamos permanecer longos períodos longe de casa durante as etapas presenciais do curso. Além disso, na comunidade onde eu morava não havia internet. Todos os trabalhos acadêmicos eram desenvolvidos com base em pesquisas realizadas em livros, adquiridos com muito esforço, e elaborados de forma manuscrita. Apesar de todas as limitações, nunca pensei em desistir. Cada dificuldade era enfrentada com coragem, porque eu sabia exatamente onde queria chegar.

Concluir a graduação em Letras, em 2008, representou uma das maiores conquistas da minha vida. Mais do que receber um diploma, eu estava realizando um sonho construído desde a infância: tornar-me professora. A formatura teve um significado muito especial para mim, pois simbolizou a concretização desse objetivo e o início da minha trajetória na educação.

No mesmo ano iniciei a primeira especialização, a de Língua Portuguesa e Literatura pela FASIP, na cidade de Tabaporã. Sempre tive consciência de que um professor precisa continuar estudando constantemente para oferecer uma educação de qualidade. Em agosto de 2009 surgiu a oportunidade de assumir uma sala de aula substituindo uma professora. No início senti medo e insegurança. Perguntava-me se realmente conseguiria ensinar, conduzir uma turma e ser uma boa educadora. Mas compreendi que aquela era a chance pela qual esperei durante toda a minha vida. Com o apoio da minha família, especialmente dos meus pais e do meu marido, aceitei o desafio.

Meu saudoso pai, que era analfabeto, sentia muito orgulho ao dizer que tinha uma filha professora e um filho professor: meu irmão mais novo, Audiere Duarte do Nascimento, professor efetivo que atua há muitos anos na educação de Porto dos Gaúchos. Esse reconhecimento me emocionava profundamente e me dava ainda mais forças para seguir em frente.

Desde aquele primeiro dia em sala de aula, nunca mais deixei a profissão docente. Trabalhei com turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, ensinando diversas disciplinas e construindo experiências que marcaram minha vida. Em 2019, decidi continuar minha formação acadêmica e realizei a complementação em Pedagogia pela UNINTER, no polo de Tabaporã. Esse curso representava outro sonho muito importante: trabalhar nos anos iniciais da educação.

Os anos de 2020 e 2021 foram períodos muito difíceis para mim, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Os desafios de trabalhar durante a pandemia foram enormes, pois exigiram adaptação, tanto da minha parte quanto dos meus alunos. No início da pandemia, trabalhávamos com aulas presenciais, mas, após certo tempo, as aulas foram suspensas na escola onde eu lecionava. Foi um capítulo marcado por inseguranças, medos e angústias. Eu ministrava aulas para turmas do sexto ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio.

Em 2021, as aulas continuaram sendo realizadas de forma online. Eu me sentia insegura e constantemente me perguntava se os alunos realmente estavam

aprendendo. Mesmo diante das dificuldades, eu seguia firme, porque entendia a importância do meu papel como professora naquele momento tão delicado. A educação precisava continuar, e nós, professores, tivemos que nos reinventar para manter o vínculo com os estudantes e garantir que eles não desistissem dos estudos.

Além dos desafios profissionais, enfrentei momentos muito dolorosos em minha vida pessoal. Em março de 2021, enquanto eu continuava lecionando online, vários casos de Covid surgiram em minha família. O que mais me marcou foi quando meus pais testaram positivo para a doença.

Meu eterno pai foi diagnosticado com o coronavírus no dia 22 de março de 2021. Inicialmente, ele parecia estar se recuperando bem, mas, com o passar dos dias, começou a apresentar sintomas preocupantes. No dia 29 de março, precisei chamar uma enfermeira e decidimos levá-lo ao hospital, pois ele estava muito cansado.

Pedi à coordenadora que assumisse minhas aulas, pois eu precisava acompanhá-los naquela situação tão difícil. No hospital, o médico solicitou uma tomografia para meu pai, e eu, juntamente com meu irmão, providenciei rapidamente para que ele fosse até Juara realizar o exame. Minha mãe Francisca Duarte do Nascimento, segundo o médico, estava bem e não precisava de maiores cuidados. Mesmo vivendo toda aquela dor e angústia, continuei dando minhas aulas. Meu coração estava sempre apertado, pois meu querido pai permanecia internado e lutando pela vida. Para aumentar ainda mais minha tristeza, o mês de abril era o mês de seu aniversário.

No dia 15 de abril de 2021, recebi a notícia mais triste da minha vida: a morte do meu pai. Naquela manhã, eu havia ministrado minhas aulas normalmente e, à tarde, participava de uma formação online quando fui informada de sua partida. Fiquei sem chão. A dor daquela perda foi imensa. Porém, com o apoio da minha família, amigos, parentes e acompanhamento psicológico, consegui encontrar forças para seguir em frente.

Mesmo em meio ao luto, continuei exercendo minha profissão até o retorno das aulas presenciais. Toda essa experiência me fez compreender ainda mais a importância da minha profissão. Ser professora é muito mais do que ensinar conteúdo; é ter compromisso, responsabilidade, sensibilidade e dedicação, mesmo diante das próprias dores e dificuldades.

Até hoje, recordo-me do incentivo e do orgulho que meu pai sentia por ter uma filha professora, um filho professor e um filho carteiro. Esse apoio sempre me fortaleceu e continua sendo uma das maiores motivações para que eu siga acreditando no valor da educação e no poder transformador da docência.

Em 2022 comecei a atuar com turmas dos anos iniciais e encontrei minha verdadeira realização profissional. Trabalhar com crianças do segundo ao quinto ano trouxe um significado ainda maior para minha missão como educadora. Participar da alfabetização, acompanhar as descobertas das crianças e perceber sua evolução diária é algo extremamente gratificante.

Sempre preocupada em oferecer um ensino mais humano e inclusivo, em 2024 iniciei mais uma especialização em Educação Especial, Inclusiva e Neuropsicopedagogia. Acredito que cada aluno aprende de uma maneira diferente e que o professor precisa estar preparado para acolher todas as necessidades com sensibilidade e dedicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente trabalho na Escola Municipal Paulo de Almeida Costa, atuando no quinto ano. Desenvolvo meu trabalho com amor, responsabilidade e compromisso, buscando sempre contribuir para a formação humana e educacional dos meus alunos.

Ao olhar para minha trajetória, percebo que nada foi fácil. Caminhei longas distâncias para estudar, enfrentei interrupções escolares, dificuldades financeiras e inúmeras incertezas. Mas nunca abandonei meu sonho. Cada obstáculo fortaleceu ainda mais minha determinação em me tornar professora.

Recentemente, participei do concurso público para efetivação na escola onde trabalho atualmente e conquistei a nona colocação. Essa vitória representou mais um passo importante em minha caminhada profissional.

Hoje, carrego comigo a esperança e a confiança de que, no tempo certo, serei convocada para continuar contribuindo com dedicação e compromisso para a educação.

Ser professora já é a realização de um grande sonho. Porém, tornar-me uma professora efetiva representa a concretização definitiva de toda uma vida dedicada à educação. Significa reconhecer oficialmente anos de esforço, dedicação, estudo e amor pelo ensino.

Acredito profundamente que a educação tem o poder de mudar histórias, assim como mudou a minha.



Uma Vida Dedicada à Alfabetização: Trajetória de uma Professora que Acredita no Poder Transformador da Educação

Lenir dos Santos do Nascimento

Licenciada em Pedagogia, especialista em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Porto dos Gaúchos – MT

Resumo: Este relato apresenta minha trajetória profissional na educação, iniciada em 1994, quando ingressei na rede municipal como zeladora. Ao longo dos anos, novas oportunidades surgiram, permitindo minha atuação na biblioteca, posteriormente na coordenação de uma creche municipal e, após a conclusão da graduação em Pedagogia, como professora alfabetizadora. Compartilho os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e as aprendizagens construídas ao longo de mais de três décadas dedicadas à educação pública. Entre essas conquistas, destaco minha efetivação por meio de concurso público, a busca contínua pela formação profissional e o reconhecimento recebido em 2026 como Melhor Alfabetizadora do Município de Porto dos Gaúchos, resultado do desempenho alcançado por meus estudantes. Ao compartilhar essa caminhada, espero inspirar outros profissionais a acreditarem que dedicação, perseverança e amor pela educação são capazes de transformar vidas.

Palavras-chave: alfabetização; aprendizagem; educação; formação continuada; trajetória docente.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre minha trajetória é revisitar uma história construída com trabalho, perseverança, fé e convicção de que a educação tem o poder de transformar vidas. Antes mesmo de ingressar em uma sala de aula como professora, aprendi que o conhecimento é uma riqueza capaz de abrir caminhos, romper barreiras e oferecer novas possibilidades para quem acredita na força dos sonhos.

Nasci em uma família humilde, onde o trabalho sempre ocupou lugar central e as oportunidades de estudo eram escassas. Meus pais não tiveram acesso à formação acadêmica e sequer concluíram o Ensino Fundamental. Ainda assim, foram eles os maiores responsáveis por despertar em seus filhos o desejo de estudar. Com simplicidade, ensinaram-nos valores que carregamos por toda a vida: honestidade, responsabilidade, respeito, solidariedade e a certeza de que o conhecimento é um patrimônio que ninguém pode nos tirar.

O maior legado que nossos pais deixaram não foi material, mas o incentivo para que seus filhos acreditassem na educação como instrumento de transformação. Talvez por isso, não apenas eu, mas também minhas irmãs escolheram a docência como profissão. Cada uma trilhou seu próprio caminho, mas todas carregamos a mesma essência construída dentro de casa: servir ao próximo por meio da educação. Sempre encontrei nelas inspiração, apoio e a certeza de que ensinar é uma missão que se fortalece quando compartilhada em família.

Essa vivência dialoga profundamente com o pensamento de Paulo Freire (1996), ao defender que ninguém educa sozinho e que os saberes construídos na convivência, na cultura e nas experiências de vida possuem valor tão importante quanto aqueles adquiridos nos espaços formais de ensino. Muito antes da universidade, meus pais já nos ensinavam, por meio do exemplo, que aprender exige humildade, esperança e compromisso com o outro.

A caminhada, entretanto, foi marcada por desafios. Conciliar a carreira com as responsabilidades familiares exigiu coragem para equilibrar trabalho, estudos e a criação das minhas três filhas e, mais tarde, de um filho do coração. Eles sempre foram minha maior inspiração e a razão para seguir em frente. Descobri diariamente que a força para continuar surgia justamente da minha família, impulsionada pelo desejo de mostrar a eles que o estudo, o trabalho e a dedicação são capazes de transformar destinos.

Talvez seja por isso que encontrei na alfabetização muito mais do que uma profissão: encontrei uma missão de vida. Ensinar uma criança a ler e escrever é oferecer autonomia, esperança e novas possibilidades para o futuro. Em cada estudante procuro enxergar o potencial que meus pais enxergaram em seus filhos, acreditando que uma oportunidade de aprendizagem pode mudar completamente a história de uma pessoa.

Ao compartilhar este relato, desejo demonstrar que minha trajetória foi construída por muitas mãos: pela simplicidade e sabedoria dos meus pais, pelo apoio e inspiração das minhas irmãs, pelo amor dos meus filhos e por todos aqueles que caminharam ao meu lado ao longo desses mais de trinta anos dedicados à educação. É essa rede de afetos, valores e aprendizagens que sustenta minha prática docente e fortalece, todos os dias, minha crença de que educar continua sendo um dos mais belos atos de transformação humana.

EDUCAR: A ESCOLHA QUE TRANSFORMOU MINHA HISTÓRIA

Minha trajetória na educação começou em 1994, na Escola Municipal Gustavo Adolfo Wilke. Naquela época, eu ainda não imaginava que a escola se tornaria meu lugar no mundo. Ingressei na instituição como zeladora, desempenhando uma função muitas vezes silenciosa, mas essencial para o funcionamento da escola. Cuidar dos espaços, preparar os ambientes e contribuir para que tudo estivesse organizado para receber os estudantes fizeram com que eu compreendesse, desde cedo, que educar é uma missão construída por muitas mãos.

Aquele primeiro trabalho foi uma grande escola de vida, onde aprendi o valor do compromisso e da responsabilidade. Convivendo diariamente com professores, alunos e funcionários, percebi a importância de cada papel no processo educativo e desenvolvi um profundo sentimento de pertencimento. Após seis meses, surgiu a oportunidade que mudaria os rumos da minha caminhada: fui convidada para atuar na biblioteca da escola. Foi naquele espaço, cercado por livros e pela curiosidade das crianças, que comecei a descobrir o verdadeiro encanto da educação.

A biblioteca não era apenas um lugar onde os livros eram guardados. Era um espaço de descobertas, sonhos e imaginação. Todos os dias eu acompanhava crianças que davam seus primeiros passos na leitura, observava o brilho em seus olhos quando conseguiam compreender uma história ou ler uma palavra sozinhas. Presenciar aquele processo despertava em mim uma emoção difícil de explicar. Aos poucos fui compreendendo que alfabetizar significava muito mais do que ensinar letras: era abrir portas para um universo de possibilidades. Foi justamente nesse período que nasceu o desejo de me tornar professora. Entendi que queria participar de forma ainda mais direta da construção dessas histórias e contribuir para que outras crianças também descobrissem o prazer da leitura e do conhecimento.

Determinada a transformar esse sonho em realidade, iniciei o curso de Pedagogia na modalidade de Educação a Distância (NEAD). Naquela época, optar pelo ensino a distância exigia muita disciplina, autonomia e perseverança. Diferentemente dos cursos presenciais, grande parte da aprendizagem acontecia por meio de estudos individuais, materiais impressos, encontros presenciais periódicos e muita dedicação fora do horário de trabalho. Era preciso aprender a organizar o tempo, manter a motivação e enfrentar os desafios próprios dessa modalidade de ensino, que ainda estava em processo de consolidação no país.

Conciliar trabalho, estudos e as responsabilidades da família não foi uma tarefa simples. Muitas vezes, o tempo destinado ao descanso era substituído por horas de leitura, elaboração de atividades e preparação para as avaliações. Houve momentos de cansaço, dúvidas e inseguranças, mas nunca faltou a certeza de que aquele esforço construiria um futuro melhor. Cada disciplina concluída representava mais um passo em direção ao sonho de me tornar professora.

Durante a graduação, recebi um gesto de confiança que marcou profundamente minha caminhada profissional. O então Secretário Municipal de Educação, senhor Paulo Celso Ortega, acreditou em meu potencial e convidou-me para assumir a coordenação da Creche Municipal. Aceitar esse desafio significava sair da minha zona de conforto e assumir novas responsabilidades, mesmo antes da conclusão da graduação.

Durante aproximadamente dois anos à frente da coordenação, aprendi que educar também envolve gestão, planejamento, escuta e trabalho coletivo. Conviver diariamente com professores, famílias e crianças da Educação Infantil ampliou minha compreensão sobre a complexidade da escola e reforçou ainda mais minha admiração pelos profissionais da educação. A experiência mostrou que uma escola de qualidade não se constrói apenas dentro da sala de aula, mas por meio da colaboração entre todos aqueles que acreditam no mesmo propósito.

Em 2004, concluí a graduação em Pedagogia e realizei o sonho de iniciar minha atuação como professora. Essa conquista simbolizava a concretização de uma história construída com persistência e esperança. Desde então, dedico minha vida à alfabetização, área na qual encontrei minha verdadeira vocação. Os anos seguintes foram marcados pela busca constante por aperfeiçoamento, pois compreendo que ser professora significa ser eterna aprendiz, investindo sempre em formação e novas metodologias de ensino.

Em 2014, vivi outra grande conquista ao ser aprovada em concurso público municipal, tornando-me professora efetiva na Escola Municipal Valsir André Ferrani, localizada na zona rural. Trabalhar no campo trouxe novos desafios e também novos aprendizados. A realidade dos estudantes, suas vivências e a proximidade com as famílias fortaleceram ainda mais minha compreensão de que a educação precisa respeitar a história, a cultura e as necessidades de cada comunidade.

Movida pelo desejo permanente de aperfeiçoar minha prática pedagógica, concluí, em 2016, a Pós-Graduação em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Essa formação ampliou meu olhar sobre a inclusão, o respeito às diferenças e a necessidade de construir uma escola capaz de acolher cada estudante em sua singularidade.

Após concluir meu estágio probatório, tive a alegria de retornar à escola onde tudo começou: a Escola Municipal Gustavo Adolfo Wilke, hoje Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke. Voltar àquela instituição teve um significado profundamente simbólico. Eu retornava não mais como a jovem que iniciara sua vida profissional na zeladoria, mas como professora alfabetizadora, carregando na bagagem anos de experiências, aprendizagens e a certeza de ter encontrado meu propósito.

Ao longo de toda essa caminhada, permaneci fiel à missão que nasceu entre as estantes da biblioteca: alfabetizar. Cada criança que aprende a ler representa uma nova história que começa a ser escrita. Cada palavra descoberta, cada frase construída e cada livro lido confirmam diariamente minha convicção de que a educação continua sendo o caminho mais seguro para transformar vidas.

Em 2026, recebi o reconhecimento como Melhor Alfabetizadora do Município de Porto dos Gaúchos, resultado do desempenho alcançado por meus estudantes no ano de 2025. Recebi essa homenagem com profunda gratidão, não como uma conquista exclusivamente pessoal, mas como o reflexo de uma caminhada construída ao lado de colegas, gestores, famílias e, principalmente, dos meus alunos, que são a razão de todo o meu trabalho.

Ao olhar para essa trajetória, compreendo que cada etapa teve um propósito. A zeladora aprendeu o valor do cuidado. A bibliotecária descobriu o encanto da leitura. A estudante compreendeu que o conhecimento exige perseverança. A gestora desenvolveu a capacidade de liderar e ouvir. E a professora encontrou, na alfabetização, a missão que dá sentido à sua vida. Cada uma dessas versões de mim continua presente na educadora que sou hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este relato, percebo que minha trajetória profissional se confunde com minha própria história de vida. Cada desafio, oportunidade, conquista e obstáculo superado contribuiu para formar não apenas a professora que sou hoje, mas também a mulher que aprendeu, diariamente, a acreditar no poder transformador da educação.

Sinto profunda gratidão aos meus pais, que mesmo sem acesso à educação formal, compreenderam que o conhecimento era a maior herança a ser deixada aos filhos; às minhas irmãs, companheiras de caminhada e de profissão; e à minha família, especialmente aos meus filhos, que sempre foram minha motivação nos momentos difíceis. Também sou grata a gestores, colegas, estudantes e famílias que fizeram parte dessa trajetória, pois a educação não se constrói de forma isolada, mas no encontro entre pessoas que acreditam em um objetivo comum: oferecer melhores oportunidades às novas gerações.

Ao longo de mais de trinta anos na educação pública, aprendi que alfabetizar vai muito além de ensinar letras, sílabas e palavras: é despertar sonhos, fortalecer a autonomia e a autoestima e permitir que a criança compreenda o mundo com mais liberdade. Cada estudante que aprende a ler e escrever pode transformar sua própria história e, muitas vezes, a de sua família.

O reconhecimento recebido em 2026 como Melhor Alfabetizadora do Município de Porto dos Gaúchos representa grande alegria e um importante marco em minha carreira. Contudo, não é um ponto de chegada, mas a confirmação de que valeu a pena acreditar na educação, investir na formação continuada e dedicar minha vida à aprendizagem das crianças. Esse reconhecimento também pertence a todos que caminharam comigo.

Permaneço convicta de que a educação é um dos mais poderosos instrumentos de justiça social, capaz de reduzir desigualdades e construir uma sociedade mais humana e solidária. Enquanto houver uma criança descobrindo a leitura, escrevendo suas primeiras palavras ou acreditando em seus sonhos, haverá razão para seguir com entusiasmo, responsabilidade e esperança.

Finalizo com gratidão e a certeza de que faria tudo novamente: a escola, os livros, os desafios, a alfabetização e cada criança que passou por minha sala de aula. Educar não foi apenas a profissão que escolhi, mas o propósito que deu sentido à minha vida. Se consegui inspirar meus alunos a acreditarem em si mesmos, compreendo que cumpri a mais bonita missão de um educador: transformar vidas por meio da educação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Entre o Rural e o Urbano: Uma Jornada de Desafios e Descobertas na Docência

Mariluce dos Santos Silva

Licenciada em Pedagogia pela FACINTER, Especialista em Educação e Diversidade pela UNEMAT, professora efetiva, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke

Resumo: Este texto apresenta um relato de experiência sobre a trajetória docente de uma professora alfabetizadora, desde seu primeiro contato com a sala de aula em uma turma multisseriada no meio rural até sua atuação em uma escola cívico-militar no contexto urbano. O texto aborda os desafios enfrentados no início da carreira, a importância da formação continuada, as particularidades do trabalho com bebês em creche e os dilemas da alfabetização em um ambiente marcado pela disciplina e hierarquia. A partir da narrativa autobiográfica, reflete-se sobre a afetividade, a ludicidade e a parceria com as famílias como elementos fundamentais para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que a docência é uma prática em constante transformação, que exige do educador flexibilidade, criatividade e, sobretudo, amor pela profissão.

Palavras-chave: docência; alfabetização; educação; escola cívico-militar; formação continuada.

INTRODUÇÃO

Iniciar a carreira docente é sempre um mergulho no desconhecido. Em 1995, essa imersão ocorreu de forma particularmente desafiadora. Minha primeira experiência em sala de aula foi em uma turma multisseriada, em uma fazenda distante. O medo e a insegurança eram enormes, pois, apesar da vocação, não havia formação adequada para aquele momento; era a primeira vez que adentrava um espaço escolar como responsável, e a realidade daquelas crianças que moravam longe, com suas histórias e necessidades tão diversas, evidenciou a imensa responsabilidade que carregava comigo.

Considerando isso, busco refletir sobre essa trajetória, desde o impacto inicial até a transformação pessoal e profissional que a prática educacional, aliada à formação continuada, me proporcionou. Assim, este relato de experiência é baseado em memórias e reflexões sobre a minha prática docente vivenciada ao longo de aproximadamente três décadas.

Essa escrita parte da crença na necessidade de valorizar e compartilhar as memórias e aprendizados que moldam a identidade docente. Ao revisitar essa história, penso que muitos educadores passam por situações semelhantes de adaptação e superação, especialmente no início da carreira ou em contextos adversos. Relatar essa vivência não é apenas um exercício de memória afetiva, mas uma forma de contribuir para o debate sobre a formação de professores, a realidade das escolas rurais e a importância da afetividade e da ludicidade em todas as etapas da educação, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental.

O PRIMEIRO DESAFIO: A SALA DE AULA MULTISSERIADA

O primeiro contato com a docência foi um choque de realidade. Levar conhecimento para crianças que viviam no campo, com todas as dificuldades de acesso e infraestrutura, era uma tarefa extremamente difícil. As turmas multisseriadas, onde alunos de diferentes idades e níveis de aprendizado dividem o mesmo espaço, exigiam uma didática diversificada e uma paciência que, enquanto professora inexperiente, precisava aprender a ter.

Segundo Arroyo (2011), a escola rural frequentemente é invisibilizada pelas políticas educacionais, e os professores que nela atuam enfrentam condições de trabalho precárias e formação insuficiente para lidar com a complexidade das turmas multisseriadas. Essa realidade foi vivida intensamente nos meus primeiros anos de docência.

O destino, contudo, me reservava uma guinada na jornada profissional. A secretaria de educação ofereceu uma formação chamada “Geração”. Para minha surpresa e alegria, ao me inscrever, descobri que se tratava do curso de Magistério. Essa foi a virada de chave na minha carreira. Durante a formação, aprendi a enxergar além do quadro-negro, compreendendo as teorias pedagógicas que davam suporte à prática docente e, principalmente, comecei a amar cada dia mais a minha profissão.

A teoria, aliada à prática vivida na fazenda, me fez compreender que educar é um ato de amor, paciência e, sobretudo, de constante aprendizado. Conforme destaca Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Cinco anos foram vividos trabalhando naquela fazenda, e essa experiência moldou minha visão de mundo e de educação; esse modo de pensar permanece até hoje.

A TRANSIÇÃO E O NOVO OLHAR: O CUIDADO COM OS BEBÊS

O retorno à cidade trouxe um novo capítulo e um novo desafio: trabalhar em uma creche. A realidade era completamente diferente da que havia vivenciado até ali, onde saí do universo das crianças que caminhavam quilômetros para chegar à escola para entrar no mundo dos bebês. O “cuidar” assumiu um protagonismo que não havia sido vivido de forma tão intensa como nesta etapa.

O trabalho com os pequenos me ensinou que a educação infantil vai muito além do conteúdo programático. Cada gesto, cada troca de fralda, cada mamadeira era um momento de interação e aprendizado. A dinâmica era outra: o tempo era regido pelo choro, pelo sono e pela própria infância. A principal ferramenta pedagógica tornou-se o brincar. As histórias, as músicas e as brincadeiras de roda ganharam um novo significado, pois era através delas que os bebês descobriam o mundo e construíam seus primeiros laços sociais.

Kishimoto (2010) afirma que o brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, pois por meio dele a criança expressa suas emoções,

elabora conflitos e constrói conhecimentos. Essa compreensão foi essencial para ressignificar a minha prática pedagógica na creche, percebendo que cada momento de cuidado era também um momento de educação.

Comparar a experiência no campo com a vivida na creche urbana é perceber a riqueza e a complexidade da educação. Cada etapa, cada ambiente, exigiu uma adaptação e um aprendizado únicos. Se a formação em Magistério deu as ferramentas teóricas para lecionar, foi a prática diária, com seus acertos e erros, que me fez a educadora que sou hoje.

ONDE ME ENCONTRO HOJE: ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL CÍVICO-MILITAR

Atualmente, atuar como alfabetizadora na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo tem sido uma experiência ímpar. A disciplina e a hierarquia, marcas registradas do modelo cívico-militar, oferecem um ambiente estruturado que, em tese, favorece a concentração. No entanto, alfabetizar vai além do silêncio e da ordem; exige sensibilidade para lidar com as particularidades de cada criança. Alfabetizar em uma escola Cívico-Militar é caminhar sobre uma corda bamba entre a rigidez institucional e a fluidez da infância. É um exercício diário de paciência, criatividade e, acima de tudo, amor.

Ver um aluno lendo, isso é alegria para uma professora, sem sombra de dúvidas, a maior recompensa do ofício docente. Recentemente, vivenciei um momento que resumiu todo meu esforço diário: um aluno que chegou no início do ano sem reconhecer as letras do próprio nome, após meses de intervenção, leu um pequeno conto para a turma inteira. A entonação hesitante, mas correta, e o brilho nos olhos dele ao finalizar a leitura foram indescritíveis.

Nesse instante, toda a exaustão e a pressão por resultados se dissipam, aqui, algo diferente acontece. Ver a chave do conhecimento se virar na mente daquela criança é o combustível que me faz acreditar que a educação transforma. É a concretização do ideal, a prova de que o método está no caminho certo e de que cada minuto investido teve um propósito.

Assim como alegrias são presentes, a frustração é a sombra que acompanha o trabalho docente, quase que silenciosamente, surge um desespero quando, mesmo após variadas estratégias, um aluno permanece estagnado. Na escola cívico-militar, a rigidez dos horários e a cobrança por disciplina, por vezes, entram em conflito com a flexibilidade que a alfabetização exige, e como professora tenho que lidar com essas variáveis.

Outro desafio enfrentado é lidar com alunos que apresentam forte defasagem cognitiva, sinais de transtornos de aprendizagem (como dislexia ou TDAH) ou que simplesmente “desligam” diante do papel. Isso é angustiante. Sinto como se, muitas vezes, estivesse em um ringue, onde a luta contra o tempo e as limitações individuais parece desigual. Por vezes a pergunta que ecoa é: “O que estou fazendo de errado? O que falta para eu alcançá-lo?” Esse sentimento de impotência é um grande desafio

psicológico do professor alfabetizador, mas também é o que impulsiona a estudar mais e a buscar ajuda especializada dentro e fora da rede de ensino.

Conforme destaca Soares (2016), a alfabetização é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões – cognitivas, linguísticas, sociais e afetivas – e que exige do professor um olhar atento para as especificidades de cada aprendiz. As escolhas que fazemos e o modo como nos detemos frente a cada desafio são o que nos diferencia enquanto profissionais da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória aqui relatada demonstra que a docência não se restringe a transmitir informações, e sim a se conectar com o outro de modo único e especial. Seja com o aluno do campo que busca conhecimento para transformar sua realidade, seja com o bebê na creche que precisa de afeto e estímulo para se desenvolver, seja com a criança em processo de alfabetização que necessita de acolhimento e desafios, o papel do professor é fundamental.

Sigo então firme na certeza de que a alegria da leitura supera o desespero das dificuldades. Cada avanço, por menor que pareça, é uma vitória contra o fracasso escolar. O compromisso é continuar buscando formas de encantar esses alunos, porque no topo da montanha do saber, o que realmente importa não é chegar primeiro, mas garantir que nenhum deles fique para trás. Esse é meu desafio diário.

Hoje, ao olhar para trás, sinto orgulho da trajetória percorrida, pois cada desafio superado foi um degrau na construção de uma profissão que abraço com amor e dedicação. Como afirma Freire (1996), “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca”. E é nessa busca incessante por uma educação mais justa, afetiva e significativa que encontro o verdadeiro sentido da docência.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.



Construção da Identidade Docente: Relato de Experiência de uma Professora Alfabetizadora

Cristiane de Jesus Melo

Licenciada em Letras com habilitação em Língua Inglesa, complementação pedagógica em Pedagogia, pós-graduação em Educação Especial, professora efetiva da Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: Este relato de experiência apresenta minha trajetória pessoal e profissional, desde a infância em uma família de agricultores analfabetos até minha atuação como professora alfabetizadora na educação pública. A narrativa evidencia os desafios enfrentados para concluir a formação acadêmica, conciliando estudos, maternidade e trabalho, bem como a importância da formação continuada para a construção da identidade docente. Ao longo de quase dezoito anos de atuação, compreendi que alfabetizar vai além do ensino da leitura e da escrita: significa promover inclusão, acolhimento e oportunidades de transformação social. Compartilho essa experiência na perspectiva de valorizar a formação docente e incentivar reflexões sobre o papel do professor como agente de mudança.

Palavras-chave: trajetória docente; relato de experiência; alfabetização; formação docente; educação inclusiva.

INTRODUÇÃO

A docência é construída por histórias, experiências e aprendizagens que ultrapassam a formação acadêmica. Cada educador traz consigo vivências que influenciam sua prática pedagógica e sua forma de compreender o processo educativo. Nesse contexto, os relatos de experiência constituem importantes instrumentos de reflexão e produção de conhecimento, pois permitem compartilhar práticas, fortalecer a identidade profissional e valorizar diferentes trajetórias de formação.

Este relato apresenta minha trajetória como professora alfabetizadora, marcada por desafios, perseverança e pela convicção de que a educação transforma vidas. Filha de agricultores analfabetos, encontrei na escola a oportunidade de construir novos caminhos para mim e para minha família. Ao longo da caminhada, conciliei trabalho, maternidade e formação acadêmica, sempre buscando aperfeiçoar minha prática docente.

O objetivo deste relato é evidenciar como as experiências pessoais e profissionais contribuíram para a constituição da minha identidade como alfabetizadora, reafirmando a importância da formação continuada, da inclusão e do compromisso com uma educação humanizada.

Meus pais nunca aprenderam a ler nem a escrever. Trabalhavam desde a infância e costumavam repetir uma frase que se tornou o alicerce da minha vida: “Nós não tivemos a oportunidade de estudar, mas vocês terão. Durante muitos anos eu não compreendi a dimensão dessas palavras. Hoje, aos 46 anos, professora alfabetizadora e mestranda em Atenção Precoce, percebo que toda a minha

trajetória foi construída para honrar esse sonho que começou muito antes de eu nascer.

TRAJETÓRIA PESSOAL E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Meu nome é Cristiane de Jesus Melo, embora seja conhecida por muitos como Prof.^a Cris. Nasci em Jacobina, Bahia, sou a caçula de nove irmãos, mãe de duas filhas e professora alfabetizadora. Minha história na educação começou muito antes da graduação, nas experiências vividas ao lado de meus pais, agricultores que nunca tiveram acesso à escola, mas sempre acreditaram que a educação poderia transformar o futuro dos filhos.

Aos nove anos, minha família migrou para o município de Porto dos Gaúchos, em busca de melhores condições de vida. Trabalhamos na agricultura, em seringais e serrarias, enfrentando dificuldades financeiras. Mesmo sem saber ler ou escrever, meus pais repetiam uma frase que orientou toda a minha trajetória: “Nós não tivemos oportunidade de estudar, mas vocês terão.” Esse incentivo permitiu que eu me tornasse a primeira da família a concluir o Ensino Médio e uma graduação.

Meu primeiro contato com a escola ocorreu ainda na infância, quando acompanhava minha mãe, que trabalhava como merendeira e responsável pela limpeza em uma escola rural. Anos mais tarde, já casada e mãe, retornei ao ambiente escolar como auxiliar de limpeza em uma escola estadual. Foi nesse período que compreendi que meu lugar não era apenas cuidar da escola, mas ensinar.

Quando surgiu a oportunidade de cursar Letras em um polo semipresencial, enfrentei o desafio de conciliar estudos, trabalho e maternidade. Permanecia longos períodos fora de casa durante os encontros presenciais, enquanto meu esposo e minha mãe cuidavam de minhas filhas. As dificuldades financeiras eram constantes, mas a certeza de que a educação transformaria minha vida fortalecia minha determinação.

Essa etapa da formação reforçou a compreensão de que o desenvolvimento profissional acontece em constante interação com outras pessoas. Conforme Nóvoa (1992), a identidade docente não é construída de forma isolada, mas resulta das experiências compartilhadas, das relações estabelecidas ao longo da carreira e da reflexão permanente sobre a prática. Ao conviver com colegas que enfrentavam desafios semelhantes aos meus, compreendi que aprender também significa construir coletivamente novos saberes.

Após concluir a graduação, iniciei minha carreira docente atuando no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos. A rotina era intensa, com longos deslocamentos e jornadas em diferentes escolas. Nesse período, também enfrentei mudanças pessoais significativas, entre elas o fim do casamento, experiência que exigiu resiliência e reforçou minha convicção de que a educação também pode ser um caminho de reconstrução pessoal.

Em meio às mudanças pessoais, surgiu a oportunidade de substituir uma professora na Educação Infantil de uma Escola Municipal. O contato diário com as crianças despertou em mim a certeza de que havia encontrado minha verdadeira vocação. Essa experiência motivou-me a cursar a complementação em Pedagogia, realizada na cidade de Sinop.

Durante esse período, conciliei a formação com jornadas de trabalho em três escolas, além dos deslocamentos aos finais de semana para participar dos encontros presenciais. A rotina exigia disciplina, perseverança e inúmeras renúncias. Entre elas, a mais difícil foi acompanhar à distância momentos importantes da infância de minhas filhas, enquanto me dedicava à formação e ao trabalho docente. Apesar dos desafios, compreendi que aquele esforço representava um investimento no futuro da minha família e na qualidade da educação que eu desejava oferecer aos meus estudantes.

Ainda durante a complementação em Pedagogia, fui aprovada em concurso público municipal para o cargo de pedagoga, passando a atuar efetivamente na escola onde permaneço até hoje. Nesse ambiente, encontrei profissionais que contribuíram significativamente para minha formação, especialmente a professora Ingrid, que se tornou uma referência em minha trajetória. Ela costumava me dizer que a educação não é fácil, mas é inovadora e que deveríamos agir com sensibilidade e compromisso com a educação. Ensinou-me que cada criança deve ser acolhida em sua singularidade e que o professor tem a responsabilidade de fortalecer sua autoestima, estimulando suas potencialidades.

Os ensinamentos recebidos nesse período contribuíram significativamente para a constituição da minha identidade profissional. Conforme Tardif (2014), os saberes docentes são construídos não apenas na formação inicial, mas também nas experiências vividas, nas relações estabelecidas com outros professores e na prática cotidiana da profissão. Assim, reconheço que parte importante da educadora que me tornei foi construída por meio dessas aprendizagens compartilhadas.

Ao longo dos anos, atuei com turmas de Pré I e Pré II, vivenciando experiências marcadas por desafios e aprendizagens. Trabalhar com crianças pequenas exige sensibilidade, criatividade e equilíbrio emocional. Houve momentos de alegria, mas também situações que despertaram insegurança e exigiram constante reflexão sobre minha prática. Essas vivências fortaleceram minha compreensão de que educar implica acolher, compreender e respeitar o tempo e as necessidades de cada criança.

A busca por uma educação mais inclusiva e por compreender mais as crianças e suas mudanças despertou em mim o interesse pela especialização em Educação Especial e Inclusiva. Neste ponto, compreendi que a formação continuada é indispensável.

Essa experiência fortaleceu minha compreensão de que ensinar requer atualização permanente e abertura para novos conhecimentos. A formação continuada possibilita ao professor ampliar sua capacidade de responder às diferentes necessidades presentes na sala de aula, favorecendo práticas pedagógicas mais

inclusivas. A formação ampliou minha compreensão sobre as diferenças presentes na sala de aula e reforçou a importância de desenvolver práticas pedagógicas capazes de garantir a participação e a aprendizagem de todos os estudantes. Compreendi que a formação continuada é indispensável para o aperfeiçoamento docente e para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Foi durante esse percurso que assumi uma turma considerada desafiadora por muitos profissionais. Preferi conhecer cada criança sem julgamentos prévios e estabelecer uma relação baseada no diálogo, no respeito, no carinho e na confiança. Permaneci acompanhando esse grupo de alunos por vários anos, desde a Educação Infantil até o segundo ano do Ensino Fundamental, participando da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e acompanhando seu processo de alfabetização. Essa experiência marcou profundamente minha identidade profissional.

Foi naquele grupo que descobri minha verdadeira identidade profissional: tornei-me alfabetizadora. Essa experiência também modificou minha compreensão sobre o processo de alfabetização. Conforme Soares (2020), alfabetizar significa muito mais do que ensinar o sistema de escrita; implica possibilitar que a criança utilize a leitura e a escrita em práticas sociais significativas. Ao acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, percebi que alfabetizar representa favorecer a construção da autonomia, da participação social e da cidadania desde os primeiros anos escolares.

Desde então, passei a dedicar minha atuação principalmente às turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental. Após quase dezoito anos na educação pública, sendo treze como professora efetiva na mesma escola, pude acompanhar diferentes gerações de estudantes e fortalecer vínculos com as famílias, tornando o processo educativo mais significativo. Ao longo dessa trajetória também exerci a função de coordenadora pedagógica escolar, experiência que ampliou minha visão sobre o trabalho coletivo e a gestão escolar. Contudo, foi na sala de aula que encontrei minha verdadeira realização profissional. É nesse espaço que me reconheço como professora alfabetizadora e reafirmo diariamente meu compromisso com a educação.

Percebo que minha prática docente foi sendo construída por meio da articulação entre experiências pessoais, formação acadêmica e reflexão crítica sobre o cotidiano escolar. Esse movimento confirma a perspectiva de Freire (1996) de que ensinar e aprender constituem processos permanentes, nos quais o professor também se transforma enquanto contribui para a formação de seus estudantes.

Hoje compreendo que minha história foi construída a partir do exemplo de pessoas simples que, mesmo sem acesso à escolarização, acreditaram no poder da educação. Carrego comigo o legado de meus pais, os ensinamentos de professores que marcaram minha caminhada, o apoio de minhas filhas e os aprendizados proporcionados por cada estudante. Essas experiências consolidaram minha identidade docente e fortaleceram a convicção de que ensinar é contribuir para transformar vidas por meio da alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vividas ao longo de quase dezoito anos na educação pública demonstram que a identidade docente é construída continuamente por meio da formação, da prática, das relações estabelecidas na escola e da reflexão sobre os desafios cotidianos. Cada etapa percorrida, da infância em uma família de agricultores, da atuação como auxiliar de limpeza, da formação em Letras e Pedagogia, da especialização em Educação Especial e Inclusiva e do atual Mestrado em Atenção Precoce, contribuiu para consolidar minha compreensão de que ensinar exige estudo permanente, sensibilidade e compromisso com o desenvolvimento integral dos estudantes.

Ao longo dessa trajetória, descobri na alfabetização o verdadeiro sentido da minha profissão. Participar do momento em que uma criança compreende a leitura e a escrita como instrumentos para interpretar o mundo representa uma das maiores realizações da minha prática docente. Mais do que ensinar conteúdos, alfabetizar significa promover autonomia, inclusão, cidadania e esperança.

Este relato evidencia que a formação docente ultrapassa os conhecimentos adquiridos na universidade, sendo construída também pelas experiências pessoais, pelas relações humanas e pelos desafios enfrentados ao longo da carreira. Compartilhar essa trajetória representa uma oportunidade de refletir sobre o papel do professor como agente de transformação social e de reafirmar a importância da formação continuada para o fortalecimento da educação pública.

Atualmente, como professora alfabetizadora e mestranda em Atenção Precoce, permaneço comprometida com a construção de práticas pedagógicas cada vez mais inclusivas, acolhedoras e fundamentadas no respeito às singularidades de cada criança. Acredito que educar é reconhecer potencialidades, estimular aprendizagens e contribuir para que cada estudante escreva sua própria história com autonomia e dignidade.

Finalizo este relato reafirmando minha convicção de que a educação continua sendo o caminho mais poderoso para transformar vidas. Se minha experiência contribuir para inspirar outros educadores a valorizarem sua própria trajetória e a persistirem na construção de uma escola mais humana, inclusiva e comprometida com a aprendizagem, este trabalho terá alcançado seu propósito.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, 2014.
- NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola**. Educação & Realidade, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. Editora Contexto, 2017.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2012.



Ser Professora: Uma Escolha que se Transformou em Propósito

Rachel Vitale Fiorillo Gama

Licenciada em Pedagogia pela UNINTER, Especialista em Educação Inclusiva, Neuropsicopedagogia, ABA, Psicomotricidade, Braille e Libras, Professora interina, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: Ser professora é escolher diariamente acreditar que a educação transforma vidas. Este relato apresenta minha trajetória na docência, marcada por desafios, dúvidas, aprendizados e pelo encontro com aquilo que hoje considero meu propósito, a alfabetização. Compartilho como a sala de aula foi transformando minha forma de enxergar a profissão, revelando que ensinar vai muito além da mera transmissão de conhecimentos. Ao acompanhar o desenvolvimento de crianças em diferentes contextos, inclusive de estudantes com necessidades educacionais específicas, compreendi que cada aluno possui seu próprio tempo de aprendizagem e que o papel do professor é acreditar nesse potencial. Hoje sigo inspirada pelas pequenas conquistas diárias, pela alegria de ver uma criança descobrir a leitura e pela certeza de que a educação é capaz de transformar histórias. Este relato busca inspirar outros educadores a permanecerem firmes em sua missão, compreendendo que cada gesto de acolhimento, incentivo e dedicação deixa marcas que acompanham os estudantes por toda a vida.

Palavras-chave: alfabetização; docência; educação; inclusão; transformação.

INTRODUÇÃO

Sempre acreditei que algumas histórias precisam ser contadas porque elas nos lembram de quem somos e do motivo pelo qual escolhemos permanecer. Contar minha trajetória não significa falar apenas sobre uma profissão, mas sobre uma construção diária, feita de desafios, aprendizados e esperança. Com o tempo, compreendi que ser professora vai muito além de exercer um trabalho, pois ensinar é participar da história de muitas vidas, estando presente em momentos que parecem pequenos, mas carregam um enorme significado para quem está aprendendo.

Escrevo este relato porque acredito que muitos professores, assim como eu, em algum momento da trajetória, também já sentiram medo, insegurança e dúvidas sobre sua capacidade. A educação nem sempre é um caminho fácil, mas é justamente nas dificuldades que descobrimos nossa verdadeira vocação. Minha história não é a de alguém que sempre teve todas as respostas. Pelo contrário, é a história de quem aprendeu que ser professora também significa reconhecer-se como aprendiz, compreendendo que o processo de aprender acompanha toda a vida.

MINHA TRAJETÓRIA: ONDE ENCONTREI MEU PROPÓSITO

Quando iniciei minha caminhada na educação, imaginava que ensinar seria transmitir conhecimentos. Bastaram os primeiros meses dentro da sala de aula para

perceber que a profissão era infinitamente maior do que eu imaginava. Conheci crianças que chegavam à escola carregando histórias completamente diferentes umas das outras. Algumas aprendiam rapidamente. Outras precisavam de mais tempo, de novas estratégias, de um olhar mais atento e, principalmente, de alguém que acreditasse nelas quando elas próprias ainda não conseguiam acreditar.

Foi nesse percurso que vivi momentos de insegurança e, muitas vezes, me perguntei se estava fazendo o suficiente, se minhas aulas realmente alcançavam todos os alunos ou se eu conseguiria ajudá-los a superar suas dificuldades. A resposta veio aos poucos, dentro da própria sala de aula. Descobri que ensinar não significa fazer todos aprenderem da mesma maneira, mas encontrar diferentes caminhos para que cada criança consiga aprender do seu jeito. Foi exatamente nesse momento que a alfabetização entrou definitivamente na minha vida.

Costumo dizer que eu me encontrei na alfabetização, apesar das inúmeras dificuldades. Foi ali que compreendi a dimensão do trabalho do alfabetizador, pois ensinar uma criança a ler e escrever não é apenas apresentar letras e sílabas. É permitir que ela descubra um mundo novo, desenvolva autonomia, construa autoestima e perceba que é capaz de aprender.

Não existe sensação mais emocionante do que acompanhar uma criança lendo sua primeira palavra de forma espontânea. Quem vive a alfabetização sabe que esse momento representa muito mais do que uma simples leitura. Representa semanas, às vezes meses, de incentivo, planejamento, tentativas, erros, recomeços e persistência.

Ao longo da minha trajetória, também encontrei alunos que exigiam um olhar ainda mais sensível, entre eles crianças com transtornos do neurodesenvolvimento e estudantes da Educação Especial, além das famílias que depositavam na escola a esperança de um futuro melhor para seus filhos. Esses alunos me ensinaram que inclusão não acontece apenas por meio da matrícula ou da adaptação de atividades, mas, sobretudo, quando o professor enxerga possibilidades antes mesmo de enxergar limitações.

Foi essa convivência que despertou em mim o desejo permanente de estudar, levando-me a buscar especializações, participar de cursos, conhecer novas metodologias e compreender que um professor nunca está pronto. Quanto mais aprendemos, mais percebemos o quanto ainda podemos crescer. Cada formação ampliou meus conhecimentos, mas nenhuma delas ensinou tanto quanto os próprios alunos.

Eles me ensinaram a celebrar pequenas conquistas, a compreender que cada criança possui seu próprio ritmo, e a perceber que, muitas vezes, um abraço, uma palavra de incentivo ou um simples “eu acredito em você” pode produzir mudanças muito maiores do que qualquer atividade impressa.

Hoje planejo minhas aulas pensando que cada estudante merece sentir o prazer de aprender. Procuro transformar a alfabetização em uma experiência significativa, utilizando jogos, leitura, projetos, arte, ludicidade e diferentes estratégias que despertem a curiosidade das crianças. Mais do que formar leitores,

desejo formar pessoas confiantes e autônomas, capazes de acreditar em si mesmas. Afinal, acredito que a educação começa quando uma criança percebe que é capaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para minha caminhada, percebo que não fui apenas eu quem transformou meus alunos. Eles também transformaram profundamente a professora que sou hoje. Cada criança deixou um ensinamento, cada desafio fortaleceu minha trajetória e cada dificuldade me levou a descobrir novas formas de ensinar. Hoje compreendo que ser professora é exercer diariamente um ato de esperança, acreditando no potencial que se desenvolve em tempos singulares, incentivando mesmo quando o processo parece lento e entendendo que educar vai muito além dos conteúdos previstos no currículo.

A educação transformou minha forma de enxergar o mundo e, principalmente, as pessoas. Aprendi que ensinar é um ato de compromisso, responsabilidade e afeto, e que nenhuma tecnologia substituirá aquilo que torna um professor inesquecível, o olhar atento, o acolhimento, a escuta sensível, o incentivo e a capacidade de acreditar no potencial de cada criança. É na alfabetização que renovo diariamente meu compromisso com a docência e encontro sentido em cada planejamento, em cada desafio e em cada conquista.

Continuo acreditando que a educação é uma das mais poderosas ferramentas de transformação e que ensinar é, acima de tudo, acreditar nas possibilidades de cada estudante. Enquanto houver uma criança esperando alguém que a incentive a descobrir seu potencial, haverá também motivos para permanecer exatamente onde meu coração escolheu estar, na alfabetização.



Narrativa de Uma Vida: Como nos Tornamos Quem Somos¹

Eliane Maria de Jesus

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT), graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professora efetiva da rede municipal de ensino.

Resumo: o presente relato traz para a cena a história de uma vida em curso, de uma professora, pesquisadora, entusiasta da educação, mulher, mãe, amiga, companheira e tantas outras que a compõem. Quantas professoras têm tido oportunidade de contar suas histórias? É mobilizada por essa questão que surge a presente escrita, que intenciona tensionar os percalços e alegrias vivenciados na trajetória de nos tornarmos quem somos. Elegendo a cartografia de Deleuze e Guattari (1995) para mapear essas vivências. O texto se move em três dimensões, a saber: pessoal, formativa e profissional, ancorado na filosofia nietzscheana e em seu *Ecce Homo* (1995), o desafio lançado é o de pensar em “como nos tornamos quem somos”, falando com Nietzsche: “como alguém se torna o que é”.

Palavras-chave: educação; professora; narrativa; cartografia; vivências.

É ASSIM QUE COMEÇA

Escrever tem “a ver com esse encontro com o desconhecido e com os desconhecidos e terá que tentar que a linguagem não traia a surpresa” (Skliar, 2014, p.143). Com Skliar, acredito que a escrita é a arte de um encontro que começa quando escrevo um texto e, com destino errante, ele encontra seu destinatário, e isso é um risco atribuído, pois nem sempre o que escrevemos agrada aos nossos ouvintes. Dito isto, começo esse texto, lançando-o e endereçando-o a você, leitor, sabendo que, após escrito, ele segue por caminhos diversos e o que foi dito passa a ser significado por quem lê.

Tendo isso em perspectiva, assinto com Manoel de Barros quando diz (2010, p.458) “pra meu gosto a palavra não precisa significar - é só entoar”. Então, e se preferirem esta vivência, de uma professora que, antes e além de ser professora, é tantas outras coisas, é outras tantas vidas, porque viver não cabe na lógica da impessoalidade, e disso posso dizer com certeza que sei bem. Afinal, quem melhor do que nós para dizer de quem somos, ou de quem nos tornamos enquanto buscamos o que acreditamos ser o nosso “vir a ser”.

Quem, quando criança, nunca foi intimado a pensar e responder sobre o que queria ser quando crescesse? Ou mesmo, não se pegou ano após ano planejando o que se tornaria quando adulta? A promessa que o futuro reserva sempre foi marcada pelo medo e pelas expectativas de uma vida desejada e sonhada em seus detalhes mínimos desde a mais tenra idade. Seria hipócrita dizer que comigo não foi assim, contudo, seria ainda mais inverdade dizer que foi tão simples assim. Para ser o mais fiel possível ao que me recordo, e neste ponto assumo que pouco me lembro, boa

¹ “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

parte da minha infância se deu pensando em como sobreviver ao próximo dia.

Neste ponto, preciso dizer que não me deterei nas mazelas que por vezes marcam nossa vida, ainda mais quando crianças, quando estamos dependendo da proteção adulta. Penso que me ater a isso tornará este relato um tanto sombrio, por assim dizer. Voltemos então ao que aqui foi proposto e, conforme aponte linhas atrás, falarei de mim, de minha trajetória até aqui chegar, partindo de três movimentos de escrita, se preferirem, três dimensões de escrita: pessoal, formativa e profissional. Ainda em tempo, lembro que a primeira destas atravessa todo o texto, bem como as demais dimensões eleitas; afinal, escrevo em primeira pessoa, assumindo a autoria deste relato, lembrando, com Larrosa e Kohan (2014), que a experiência é aquela capaz de dar sentido ao que escrevemos.

DA PESSOALIDADE, DA FORMAÇÃO E DA DOCÊNCIA

Para mobilizar as dimensões propostas, preciso perguntar com a cartografia, “que é que insiste aqui?” e minorar “o porquê” em “como”. O como é um pequeno “porquê”, tão apequenado em sua medida que já não mede nada além da singularidade daquele evento (Fonseca *et al.*, 2012, p.44). Não apresento ou pergunto o “porquê”, ele não cabe aqui, mas me proponho a dizer como me constituo professora e como minha trajetória de vida marca essa identidade docente.

Quando criança, fiz parte do ensino fundamental em uma escola rural e completei a primeira etapa em uma escola urbana no interior do estado de Goiás, de onde venho. Desde pequena, amava a leitura, pois via nela a possibilidade de escapar de minha realidade e viver tantas outras, era capaz de viajar sem nunca ter saído do lugar, conhecia tantas pessoas interessantes, sem nunca ter sido apresentada a nenhuma delas pessoalmente. Foi na escola onde acessei meus primeiros livros e com ela minha promessa de dias melhores, minha certeza de que uma vida melhor poderia vir a existir. Com isso em mente, ainda criança decidi apostar tudo na educação, nada me distrairia do meu objetivo, nem namoricos de adolescente, nem paixões da juventude, dali em diante levei a sério e prometi a mim mesma: estudaria e seria alguém diferente, teria um futuro diferente do que meu presente anunciava.

As páginas aqui estabelecidas não seriam suficientes para narrar o que se passou nestes anos até chegar onde estou hoje, precisarei então saltar alguns anos no tempo e dizer que, com alguns percalços, perdas e rompimentos, alcancei meu objetivo inicial, que era terminar o ensino fundamental e médio e ingressar na universidade. Afinal, não é esse o sonho dos nossos jovens que apostam na educação? Entrar no ensino superior? Como se ao fazê-lo o futuro fosse garantido? Há quem diga que faculdade não garante uma profissão, mas, como professora que se formou em pedagogia e teve sua vida mudada com essa formação, sempre defenderei a importância de estudar e se qualificar. O conhecimento não é apenas promessa de um futuro melhor, ele é um divisor de águas para nossa postura diante do mundo, e para mim, permanece sendo assim.

Sou pedagoga por formação e professora por vocação e escolha de vida, não me vejo fazendo outra coisa senão atuando como professora e pesquisadora. Foi no ambiente universitário que me consolidei em minha formação inicial, sendo este de fundamental importância para minha formação e constituição profissional. Devo neste ponto dizer que foi na universidade que descobri e me apaixonei pela pedagogia e nem sequer imaginava a trajetória que seguiria para me tornar a professora que sou hoje.

Na universidade, vivi a formação inicial enquanto acadêmica e, do outro lado, a docência enquanto professora, vendo outros alunos construírem seu próprio caminho nessa trajetória tão cheia de percalços e, ao mesmo tempo, tão prazerosa que é a carreira docente. Preciso dizer ainda que defendo e acredito que a docência se realiza neste fazer que passa pela formação inicial e continuada e se consolida no chão da escola, por assim dizer. E é neste chão, o da Educação Básica, onde também componho minha identidade profissional. Foram os doze anos como professora da Educação Infantil em que tive a certeza de minha escolha e em que me apaixonei pelas infâncias, o que marca profundamente minhas pesquisas atualmente.

Acredito que é preciso resgatar a valorização dos saberes dos cotidianos escolares e dos fazeres que compõem os saberes docentes para além da universidade, afinal, estes constituem nossa identidade profissional no caminho de nos tornarmos professoras. Consinto com Nóvoa que é no trabalho individual e coletivo de reflexão que os professores encontram os meios necessários ao seu desenvolvimento profissional (Nóvoa, 2002, p.22). Certa disso, fui fazendo minhas escolhas e apostando em minha formação, não parando no curso superior, mas fazendo o mestrado em educação e agora cursando o doutorado, que muito tem contribuído para minhas reflexões sobre a escola e a atuação docente.

Considerando as constantes influências externas que influenciam tanto os currículos escolares quanto os universitários, defendo que nos cabe assumir que a escola e a própria educação sempre serão terreno de disputa por seu potencial emancipador e, portanto, é tarefa ética de nós professores sair em defesa do nosso fazer docente, assumindo a docência como ato político e, portanto, não neutro, não conformado com as realidades, mas questionando-as o tempo todo.

Reconhecer este cenário perpassa também por reconhecer nosso papel frente a ele. Resistir às agendas de desmonte da educação é resistir e ir contra os processos de proletarianização que rondam a docência. “A proletarianização é a perspectiva da docência desencarnada de sentido, uma atuação em que não pulsam vida, desejo e projetos de futuro” (Bragança, 2009, p. 90). Nossa docência, na contramão dessa perspectiva, deve romper com toda forma de subjetivação na busca por uma sociedade mais justa.

Com Isabel Alarcão, compreendo que uma escola justa, essa escola que desejamos, é possível: “uma escola onde se realize, com êxito, a interligação entre três dimensões da realização humana: a pessoal, a profissional e a social” (2001, p.13). Por isso, sempre farei a crítica necessária, mas também a defesa e o elogio coerentes, tão urgentes para sua existência e permanência frente à sociedade.

É neste movimento que me reconheço e, como Nietzsche, também assumo que é “indispensável dizer quem sou” (1995, p.10, grifos do autor). Acredito ainda que minhas ações e trajetória não deixaram de “dar testemunho” de mim, como pontua Nietzsche em seu *Ecce Homo*; é com ele ainda que peço “Sobretudo não me confundam” (p.10, grifos do autor). Espero que este exercício de pensar como me constituo docente frente às minhas vivências aqui refletidas encontre ressonância naqueles que chegarem a este texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato é um sopro, uma lembrança de que não sou única, sou múltipla, por muitos anos professora das infâncias e professora no ensino superior, no último ano formadora no Núcleo de Formação Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Porto dos Gaúchos (NFE/SME), atualmente professora pesquisadora no doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEdu/UNEMAT). Há dez anos, mãe de uma garotinha cheia de vida que diariamente me lembra que a infância é potência e desafia toda a lógica adulta.

Minha vida pessoal, minha trajetória formativa, e meu exercício docente se entrecruzam, não fazem linha de chegada, mas, compõem linhas de fuga “abstrata, mortal e viva” (Deleuze; Guattari, 1996, p.67). É essa pulsão de vida que me lança adiante, que move meu fazer e ser professora e pesquisadora, entusiasmada com as questões da educação e apostando que as tantas vidas presentes nas nossas escolas têm muito a dizer, e o que dizem importa; é preciso ouvir a voz da inventividade que povoa o cotidiano das nossas escolas e dar aos nossos educadores a oportunidade de expressar seus sonhos e aspirações.

Sempre irei acreditar que a docência, se não é vocação, é desejo de romper. Não sou do tipo sonhadora que não reconhece que nem todos aspiram ao mesmo enquanto docentes, mas creio sinceramente que, em sua maioria, aqueles que fazem nossa educação sabem do compromisso social que é a ela intrínseco, e que, sem rompermos os muros de nossos templos de pretensão saber e detenção de verdades absolutas, não avançaremos. A docência se faz também no mundo e com o mundo e isso tenho aprendido diariamente

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. A escola Reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola Reflexiva e a nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **O/a professor/a e os espelhos da pesquisa educacional**. R. Bras. Est. Pedag., Brasília, v. 90, n.224, p.87-101, jan/abr. 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol.1. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol.3. Tradução: Aurélio Guerra Neto *et alii*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.

FONSECA, Tânia Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer à linguagem: Educar.** Tradução: Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).



Onde a Educação me Encontrou: Quando a Profissão se Transforma em Paixão

Nágila Daiane Polifowski

Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT e Educação Especial pela FAVENI, pós-graduada em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática (PPGECM) pela UFMT, professora efetiva, lotada na Escola Municipal Cívico-Militar Gustavo Adolfo Wilke.

Resumo: Este relato apresenta minha trajetória na educação, marcada por descobertas, desafios e transformações pessoais e profissionais. O objetivo é compartilhar como a docência, inicialmente escolhida como uma oportunidade de formação, tornou-se um propósito de vida construído a partir das experiências vividas ao longo da carreira. Entre os marcos dessa caminhada, destacam-se a persistência na formação docente e as inquietações pedagógicas despertadas pela convivência com a diversidade em sala de aula. O contato com a realidade escolar despertou o amor pela educação e a compreensão de seu potencial transformador na vida das pessoas. Essas experiências motivaram a busca por novos conhecimentos, resultando na realização de uma segunda licenciatura em Educação Especial e no ingresso no Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática. Ao revisitar essa trajetória, compreendo que os desafios enfrentados contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional, reforçando a convicção de que a educação transforma vidas e que o professor desempenha papel fundamental nesse processo.

Palavras-chave: educação especial; experiências; formação continuada; identidade docente.

INTRODUÇÃO

Nem sempre encontramos nossa verdadeira profissão na primeira escolha. Às vezes, é o próprio caminho que revela o propósito, como aconteceu comigo quando a educação entrou na minha vida. Considero importante registrar essa caminhada porque ela demonstra que nem sempre encontramos nossa verdadeira vocação logo no início e que, muitas vezes, são as experiências vividas ao longo do caminho que nos revelam quem somos e o que desejamos construir.

Quando ingressei no curso de Pedagogia, a docência não era um sonho de infância. Escolhi o curso entre as oportunidades que tinha naquele momento, sem imaginar que a educação se tornaria parte fundamental da minha identidade. Ao longo da formação e da atuação profissional, diferentes experiências contribuíram para transformar minha maneira de compreender a escola, o papel do professor e o compromisso com uma educação de qualidade. Nesse sentido, Freire (1996) destaca que ensinar exige compromisso com a formação humana e a compreensão da educação como prática transformadora da realidade. Ao longo de minha trajetória, fui compreendendo que educar vai muito além de ensinar conteúdos, pois é acreditar nas pessoas e contribuir para que cada estudante tenha oportunidades de aprender e se desenvolver.

Este relato tem como objetivo apresentar os principais momentos da minha trajetória acadêmica e profissional, evidenciando como as experiências vividas

contribuíram para a construção da minha identidade docente e fortaleceram meu compromisso com a Educação Especial, a formação continuada e a promoção de práticas pedagógicas inclusivas.

DA ESCOLHA À PAIXÃO: MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE

Se alguém me perguntasse, no início da graduação, se eu seria professora por escolha e paixão, provavelmente minha resposta seria não. Quando ingressei no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), a docência não fazia parte dos meus planos de vida. O curso surgiu como uma oportunidade de formação e crescimento profissional, sem que eu imaginasse o quanto essa decisão mudaria minha vida.

Durante a graduação, enfrentei uma rotina que exigia dedicação e persistência. Todos os dias percorria cerca de 50 quilômetros para frequentar as aulas, o trajeto era longo e cansativo, mas cada viagem representava a esperança de construir um futuro melhor por meio dos estudos. Naquela época, eu ainda não sabia que estava dando os primeiros passos de uma profissão que transformaria não apenas minha carreira, mas também minha maneira de enxergar as pessoas e o mundo.

Quando concluí a graduação, minha vida também estava começando um novo capítulo. Formei-me grávida de oito meses da minha filha e, a partir daquele momento, cada decisão passou a ser motivada pelo desejo de oferecer a ela um futuro com mais oportunidades. Nos primeiros anos da profissão, trabalhei como professora contratada em uma escola do campo a cerca de 25 quilômetros da cidade onde morava. Conciliar o trabalho, a maternidade e o desejo de continuar estudando nem sempre foi fácil, mas, olhando para minha filha, encontrava forças para seguir em frente. Alguns anos depois, conquistei minha efetivação na escola onde atuo até hoje, e ela continua sendo a maior motivação para que eu siga estudando, pesquisando e buscando ser uma professora melhor.

Convivendo diariamente com os estudantes, comecei a descobrir o verdadeiro sentido da docência. Aos poucos, compreendi que ensinar não se resume à transmissão de conteúdo. Cada aprendizagem conquistada, cada dificuldade superada e cada sorriso diante de uma nova descoberta mostrava que a escola é um espaço capaz de transformar vidas, permitindo que eu encontrasse, nesse cotidiano, sentido para a profissão que havia escolhido quase por acaso.

Com o tempo, fui construindo minha identidade como professora e compreendi que nenhum estudante aprende da mesma forma e que ensinar exige sensibilidade, paciência e disposição para rever a própria prática sempre que necessário. Muitas das aprendizagens mais importantes da minha carreira não aconteceram em cursos ou livros, mas dentro da sala de aula, convivendo diariamente com os estudantes. É nesse sentido que Tardif (2014) afirma que os saberes experienciais são construídos pelos professores no exercício da profissão, a partir das situações vividas no cotidiano escolar.

Entre tantas vivências, uma mudou os rumos da minha trajetória. Ao assumir uma turma em que havia um estudante surdo, senti medo e insegurança. Eu me perguntava se conseguiria atender às suas necessidades e se estava preparada para assumir aquela responsabilidade. No início, o desafio parecia maior do que meus conhecimentos permitiam enfrentar.

Durante os dois anos em que trabalhamos juntos, percebi que meu papel não era apenas ensinar o conteúdo ou orientá-lo, pois, antes de qualquer estratégia pedagógica, eu precisava conhecê-lo, compreender sua forma de comunicação, respeitar seu tempo e descobrir como ele aprendia. À medida que adaptava o planejamento, buscava novas estratégias e aceitava que nem tudo aconteceria como eu havia imaginado, compreendi que, enquanto eu tentava ensinar, também estava aprendendo.

Hoje reconheço que, embora outras experiências já tivessem despertado em mim a compreensão de que a formação continuada era essencial para a prática docente, esse estudante foi o divisor de águas que consolidou essa convicção. Com ele aprendi que eu não podia parar de aprender, porque cada desafio exigia novos conhecimentos e um novo olhar sobre minha prática, mostrando-me que ser professora significa estar disposta a se reinventar todos os dias. Essa convivência transformou minha forma de compreender a inclusão e fortaleceu em mim o desejo de oferecer uma educação que realmente considerasse as necessidades e as potencialidades de cada estudante.

A partir dessa vivência, passei a olhar a Educação Especial de outra maneira. Já não bastava perceber as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, eu queria compreender como poderia contribuir de forma mais efetiva para sua aprendizagem. As dúvidas que surgiam na prática despertavam novas perguntas e me motivavam a buscar respostas por meio da formação continuada.

Foi esse caminho que me levou à segunda licenciatura em Educação Especial. Essa formação ampliou meu olhar sobre a inclusão e fortaleceu minha convicção de que todos os estudantes podem aprender quando encontram oportunidades, recursos e práticas pedagógicas que respeitam suas singularidades. Conforme Mantoan (2015), a educação inclusiva fundamenta-se no reconhecimento das diferenças e na garantia do direito de todos os estudantes à participação e à aprendizagem em ambientes educacionais inclusivos. Ao aprofundar esses conhecimentos, passei a compreender que incluir vai muito além de garantir a presença do estudante na escola, envolvendo a criação de condições para que ele participe, aprenda e se desenvolva.

O desejo de continuar aprendendo levou-me a um novo desafio, o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFMT. Hoje, como mestranda, desenvolvo pesquisas voltadas à Educação Especial, buscando compreender como tornar o ensino mais acessível, inclusivo e significativo. As inquietações que nasceram na sala de aula continuam orientando minha caminhada acadêmica e reforçam meu compromisso com uma educação que respeite as diferenças e valorize as potencialidades de cada estudante.

Quando olho para minha história, percebo que cada escolha, cada dificuldade e cada conquista contribuíram para formar a profissional que sou hoje. A educação, que um dia foi apenas uma oportunidade de formação, tornou-se um propósito de vida. É essa certeza que me motiva a continuar estudando, pesquisando e acreditando que a escola pode transformar vidas, assim como transformou a minha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre a minha caminhada fez com que eu revisitasse momentos importantes da minha vida e percebesse o quanto eles contribuíram para a professora que sou hoje. Quando iniciei o curso de Pedagogia, eu não imaginava que a educação ocuparia um espaço tão significativo na minha vida. Aos poucos, o cotidiano da escola, o convívio com os estudantes e os desafios da profissão deram um novo sentido àquela escolha.

Ao longo dessa caminhada, aprendi que ser professora não significa ter todas as respostas. Muitas vezes, foram justamente as dúvidas que me fizeram buscar novos conhecimentos e olhar para minha prática com mais atenção. O período em que acompanhei um estudante surdo foi decisivo nesse processo, com ele, compreendi que ensinar também é estar disposto a aprender, ouvir, observar e reconhecer que cada estudante nos apresenta novos desafios e novas possibilidades.

Essa experiência despertou meu interesse pela Educação Especial e me incentivou a continuar estudando. A segunda licenciatura e, mais tarde, o ingresso no mestrado representam a continuidade de uma caminhada que começou dentro da sala de aula e que continua sendo construída todos os dias. Hoje vejo a formação como um compromisso que se renova a cada nova experiência. Ainda encontro desafios, ainda tenho dúvidas e continuo aprendendo, talvez seja exatamente isso que torna a docência tão significativa para mim.

Se este relato puder deixar uma mensagem, gostaria que ela fosse a de que nem sempre sabemos onde uma escolha irá nos levar. Às vezes, é o próprio caminho que revela nosso propósito, como aconteceu comigo. A educação transformou minha vida, e sigo acreditando que ela também pode transformar a vida de muitas outras pessoas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Organizadores

Eliane Maria de Jesus

Doutoranda em Educação (PPGEdu/UNEMAT), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Professora formadora do Núcleo de Formação Educacional de Porto dos Gaúchos -MT.

Rosa Amélia Caccia

Pedagoga pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Especialista em Ressignificando o uso da Linguagem. Coordenadora do Núcleo de Formação Educacional/Programa Alfabetiza MT e Articuladora do Renalfa (Rede Nacional pela Alfabetização/MEC) em Porto dos Gaúchos/MT.

Bruno Misiak Santana

Licenciado em Letras pela Uninter, Licenciando em Pedagogia pela UNEMAT, Especialista em Educação do Campo, professor na Educação Básica em Porto dos Gaúchos -MT.

Nágila Daiane Polítowski

Licenciada em Pedagogia pela UNEMAT e Educação Especial pela FAVENI. Especialista em Educação Infantil Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática (PPGECM) pela UFMT. Professora na Rede Municipal de Ensino de Porto dos Gaúchos.

A

afetividade 12, 37
alfabetização 16, 17, 18, 19, 30, 32, 33, 34, 35, 36,
37, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48
aprendizagem 13, 14, 16, 18, 20, 32, 33, 34, 36, 37,
39, 44, 45, 46, 55, 56

C

cartografia 49, 50
crescimento profissional 22, 55

D

diversidade 54
docência 12, 13, 14, 24, 25, 26, 30, 32, 37, 38, 40,
41, 46, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 57
docente 16, 17, 18, 21, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 41, 42,
43, 44, 45, 50, 51, 52, 54, 55, 56

E

educação 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 24,
26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39,
40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56,
57
ensino 6, 12, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 31, 33, 34, 37, 40,
41, 49, 50, 52, 56
escola cívico-militar 37, 39
estratégias 18, 22, 39, 47, 56

F

família 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 41, 42, 43, 45
formação continuada 22, 32, 36, 37, 41, 43, 44, 45,
54, 55, 56

formação humana 12, 14, 31, 54
formação profissional 32, 45, 57
formadora 20, 22, 52, 58

G

gestão escolar 24, 44

I

identidade 20, 24, 37, 41, 42, 43, 44, 45, 50, 51, 54, 55
inclusão 13, 35, 41, 45, 46, 47, 56
inclusiva 6, 20, 41, 43, 44, 45, 56
inclusivas 44, 45, 55
inovação 20

L

letramento 16
licenciatura 54, 56, 57
ludicidade 37, 47

N

narrativa 37, 41, 49

P

pedagogia 21, 24, 50, 51
pedagógicas 38, 43, 44, 45, 54, 55, 56
pertencimento 12, 13, 14, 33
prática 12, 14, 17, 20, 21, 22, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 54, 55, 56, 57
prática profissional 20
processo 12, 14, 19, 21, 22, 33, 34, 37, 40, 41, 44, 46,

48, 54, 57
professora 16, 17, 20, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49,
50, 51, 52, 54, 55, 56, 57

S

sala de aula 13, 22, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 38,
43, 44, 46, 47, 54, 55, 56, 57

T

trajetória 12, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28,
29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46,
47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56
trajetória profissional 13, 22, 24, 28, 32, 35

V

vivência 17, 33, 37, 49, 56
vivências 20, 26, 35, 41, 43, 49, 52, 56

